

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VICENTE GREGÓRIO DE SOUSA FILHO

BUSCAS ADOLESCENTES E ACONSELHAMENTO PASTORAL À LUZ DA
LOGOTERAPIA.

São Leopoldo

2011

VICENTE GREGÓRIO DE SOUSA FILHO

BUSCAS ADOLESCENTES E ACONSELHAMENTO PASTORAL À LUZ DA
LOGOTERAPIA.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientadora: Valburga Schmiedt Streck

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725b Sousa Filho, Vicente Gregório de
Buscas adolescentes e aconselhamento pastoral à
luz da logoterapia / Vicente Gregório de Sousa Filho ;
orientadora Valburga Schmiedt Streck ; co-orientador
Remi Klein . – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
68 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Logoterapia. 2. Aconselhamento pastoral. 3.
Adolescentes – Aconselhamento. 4. Adolescentes –
Aspectos psicológicos. I. Streck, Valburga Schmiedt. II.
Klein, Remi. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

VICENTE GREGÓRIO DE SOUSA FILHO

BUSCAS ADOLESCENTES E ACONSELHAMENTO PASTORAL À LUZ DA
LOGOTERAPIA.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Data:

Valburga Schmiedt Streck - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Remí Klein- Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Dedico esta pesquisa aos jovens e adolescentes que em meio à falta de oportunidades, de emprego e educação não se deixam vencer pelos aparentes fracassos a que estariam destinados, mas antes se empoderam e buscam sentido para sua existência através da religiosidade, das relações afetivas maduras e da escolha profissional acertada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas oportunidades que me ofereceu e pela perseverança concedida na trajetória de construção desta pesquisa, face às dificuldades encontradas ao longo do caminho;

Um Muito obrigado à minha mãe, Bernarda Ferreira de Sousa, pelo dom da vida e pelos exemplos de integridade e serenidade sempre a me transmitir;

Sou grato a Dom Alfredo, bispo de Parnaíba, pela confiança depositada em meu trabalho na coordenação do curso de Bacharelado em Teologia, pela permissão e ajuda material para conclusão do mestrado;

Às Faculdades EST, a expressão do agradecimento em virtude de oportunizar este mestrado modular aos profissionais que não dispõem de tempo para cursar um mestrado em período integral;

Um agradecimento especial à Faculdade Piauiense através da FUNPESQ, por me ter dado condições, através da concessão de bolsa, para realização do curso.

A crença, ou fé, precisa crescer dentro de você mesmo - organicamente. Você tem que permitir que ela cresça - você não deve contribuir para a repressão da fé. Mas em princípio cada um de nós pode encontrar um sentido na vida. (...) O sentido da vida pode ser encontrado em todas as pessoas, independentemente de sua idade; independentemente de seu sexo, independentemente de seu nível educacional, independentemente de seu Q. I., independentemente de seu caráter, ou de sua formação estrutural e psicológica; até mesmo independentemente do ambiente - basta pensar apenas em Auschwitz, nas prisões, e das pessoas que são muito bem sucedidas e ficam entediadas.
(Viktor Frankl).

RESUMO

Diante de tantas mudanças e inquietações surgidas na assim denominada “pós-modernidade”, muitos sentidos de valores e determinações socioculturais entraram em crise ante a interpelação neoliberal marcada pela noção de mercadoria. As novas tecnologias também fomentam novos olhares e perspectivas que geram um novo modo de lidar com as subjetividades. Desse modo, o presente trabalho busca perceber como se dá a busca de sentido entre adolescentes a partir da noção de Logoterapia, articulada por Viktor Frankl, e como a abordagem de aconselhamento pode ajudar na busca por encaminhamentos existenciais. Abordaremos os conceitos logoterapêuticos com vistas a auxiliar o processo de aconselhamento pastoral de adolescentes e orientar na direção de *insights* razoáveis de orientação vocacional.

Palavras-chave: Adolescência. Logoterapia. Sentido. Espiritualidade.

ABSTRACT

With so many changes and concerns raised by the so-called “postmodern”, many senses of values and socio-cultural determinations in crisis before the interpellation marked by neoliberal notion of commodity. The new technologies also promoted new views and perspectives that generate a new way of dealing with subjectivity. Thus, this work seeks to understand how is the search for meaning among adolescents from the notion of Logotherapy, articulated by Viktor Frankl, and as the approach to counseling can to help in the search for existential referrals. We will discuss the logotherapeutic concepts in order to aid the process of pastoral counseling of adolescents and guide toward a reasonable *insights* of vocational guidance.

Keywords: Adolescence. Logotherapy. Sense. Spirituality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A BUSCA DE SI MESMO: FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO NA ADOLESCÊNCIA	14
1.1 Logoterapia: responder ao sentido da existência.....	14
1.2 Adolescência à luz dos conceitos	22
1.3 Identidade de gênero e formação do autoconceito	22
1.4 Autoconceito a partir de diferentes abordagens teóricas	23
1.5 Identidade adolescente na abordagem logoterapêutica	27
2 A BUSCA DO OUTRO: A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE	30
2.1 A antropologia de Viktor Frankl.....	32
2.2 Afetividade enquanto experiência do encontro	36
2.3 As relações afetivas na família	37
2.4 O sentido da sexualidade e do amor	40
2.5 A busca da transcendência na adolescência	43
3 A BUSCA DE SENTIDO E ESCOLHA DA PROFISSÃO.....	49
3.1 Trabalho e sentido na Logoterapia	49
3.2 O processo de orientação vocacional e profissional	55
3.3 A difícil arte de escolher a profissão para jovens e adolescentes	58
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

A investigação tem como objeto material o sentido da vida na adolescência e como objeto formal algumas buscas adolescentes e seu sentido para a existência à luz dos conceitos da Logoterapia. E, ao referir-nos às buscas, queremos ressaltar que é justamente na adolescência que o ser humano necessita definir sua identidade, seu lugar no mundo, no campo profissional e estabelecer vínculos afetivos com as pessoas e com Deus. Em uma sociedade marcada preponderantemente pelas mudanças culturais, sobretudo no que tange às influências das novas tecnologias das comunidades virtuais e pelas consequências do capitalismo e neoliberalismo, em que cada vez mais cresce a avidez pelo lucro, hedonismo e consumismo, os adolescentes e as adolescentes vão fragilizando-se na construção de si mesmos enquanto personalidades equilibradas. Neste sentido, recorreremos à Logoterapia por entendermos que, desde o seu surgimento com Viktor Frankl, em um contexto de guerra, de sofrimento e perdas humanas tidas como irreparáveis, esta corrente de pensamento e terapia vem auxiliando muitas pessoas a reestruturar o rumo de suas existências. Por isso mesmo, indicaremos, ao longo dos capítulos, reflexões que possam auxiliar no processo de aconselhamento pastoral na adolescência, posto que nesta fase da vida são muitos aqueles e aquelas que buscam nas igrejas uma oportunidade de orientação sistemática e prolongada para o curso e o sentido de suas existências.

O assunto desta pesquisa estará contemplando, por isso mesmo, a trajetória dos adolescentes em busca de si mesmos, o que necessariamente passará pelas relações afetivas dentro e fora da família, nas comunidades eclesiais e no mundo do trabalho.

Intentando aprofundar e enriquecer a discussão sobre o sentido da vida adolescente a partir da Logoterapia, que poderá ser analisada sob diferentes ângulos, iniciaremos pelo autoconceito ou identidade adolescente, ou seja, o sentimento, o pensamento que o adolescente e a adolescente possuem sobre *si mesmos*, seus valores e competências. Com o objetivo de mostrar que a adolescência é um tempo de buscas as mais distintas, servir-nos-emos da Logoterapia como marco teórico para esta investigação, uma vez que nem todos os adolescentes e as adolescentes têm a facilidade de encontrar o sentido necessário

na administração das crises afetivas, que envolvem relacionamentos dentro e fora da família, superação das crises nos âmbitos da religião e da espiritualidade e por fim, a busca de transcendência nos conflitos atinentes à motivação e escolha da profissão, no mundo do trabalho.

Ao postularmos os objetivos de uma investigação como as aspirações a serem alcançadas ao longo da trajetória da pesquisa, elegemos o seguinte objetivo geral para direcionar os rumos desta investigação: servir-se dos conceitos da Logoterapia com vistas à construção de modelo de aconselhamento adolescente que valorize a construção de sentido face às crises diante do vazio existencial e da inércia dos adolescentes na construção do autoconceito para assumirem-se como seres autônomos, pessoal e profissionalmente. Os objetivos específicos delimitam com maior precisão o alcance da investigação, por isso elencamos: apresentar uma síntese dos principais conceitos da Logoterapia de modo que fiquem evidenciados seus principais teóricos e sua aplicação para o aconselhamento de adolescentes; caracterizar a adolescência como uma fase de busca de sentido em meios às crises, tendo como parâmetro o conceito de transcendência, oriundo da espiritualidade logoterapêutica; elencar as áreas de buscas de sentido adolescente, quais sejam: identidade, afetividade, espiritualidade e profissionalização, salientando as contribuições da Logoterapia no processo de aconselhamento pastoral; realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, na modalidade bibliográfica, que retrate a incidência da pertença às comunidades eclesiais no intuito de sugerir recomendações à prática de aconselhamento centrada na busca de sentido.

No entendimento de Lukas,¹ somente quando os indivíduos conseguirem perceber a realidade que os cerca, a partir de uma perspectiva de fora dos seus próprios condicionamentos, é que valorizarão outros aspectos desta mesma realidade e assim encontrarão sentido e força para transcendê-los. A investigação justifica-se pelo fato de haver muitos seres humanos nesta fase da vida em crises depressivas, suicidas ou refugiando-se em situações alienantes e degradantes (vícios e libertinagem sexual) porque muitos são os que não têm um sentido claro,

¹ LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 49.

uma meta a ser priorizada que os estimulem a vencer as situações limítrofes da existência.²

A pesquisa pretende ser uma ferramenta aos ministros ordenados e/ou leigos que necessitem realizar aconselhamento pastoral com adolescentes em crises, seja na construção da própria identidade, seja nas relações afetivas e escolhas profissionais. Tendo como referência o arcabouço teórico da Logoterapia, que privilegia para além do biológico e do psíquico a dimensão também espiritual do humano enquanto capacidade de transcendência, palmilharemos nos caminhos do aconselhamento e assistência logoterapêuticas, entendendo desde o início que o ser humano, mesmo na adolescência, não está regulado apenas por forças obscuras e incontroláveis de um inconsciente individual e libidinoso. O ser humano é dotado de inconsciente espiritual³ que, à diferença da psicanálise freudiana, não se limita aos instintos reprimidos, mas sobretudo se caracteriza como fonte produtiva de construção de sentido existencial. Daí a riqueza da visão de ser humano presente na antropologia logoterapêutica, enquanto ser bio-psico-espiritual.

O conceito de adolescência é relativamente novo. No passado, assim como as crianças eram adultos em miniatura, também por sua vez, desde a puberdade, as pessoas eram obrigadas a delimitar seu lugar no mundo através de uma profissionalização e das relações afetivas que culminariam na escolha matrimonial e constituição precoce de uma família via matrimônio monogâmico. Este era o quadro de uma sociedade relativamente estática e provinciana. Os tempos hodiernos colocam os adolescentes diante das telas, do mundo virtual, da exposição de si mesmos, de seus corpos e de suas fantasias aos outros. As exigências do mundo neoliberal os incitam ao prazer exacerbado e ao consumismo, ao mesmo tempo em que os obriga a ter uma profissão e um salário que os possibilite desfrutar dos benefícios das tecnologias. Neste sentido, surgem perguntas norteadoras para a referida investigação: na busca de sentido para a existência, não estariam os adolescentes fugindo de si próprios quando se refugiam diante das telas e do mundo virtual na egomania? De que forma as igrejas poderão auxiliar as famílias e os próprios adolescentes a superar suas crises de identidade por meio da construção

² FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo concentração*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 72.

³ FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009. p. 20.

de sentido dos fragmentos da própria existência? Até que ponto os adolescentes e as adolescentes estão suficientemente maduros para que possam cuidar de si próprios e de seu futuro sem deixar de viver o presente?

A partir das reflexões precedentes, podemos dizer que a pergunta científica que objetiva e subjetivamente guiará os rumos desta pesquisa será: como a Logoterapia, enquanto modelo de aconselhamento centrado no sentido, poderá auxiliar os adolescentes e as adolescentes na construção de sua identidade na relação consigo mesmos, com ou outros e com a escolha profissional?

A investigação de cunho bibliográfico e com enfoque qualitativo abordará o estudo da adolescência a partir de sua conceituação e ressignificação no contexto cultural em que nos encontramos, cujas características apontam para uma maior premência no que diz respeito ao cuidado em acompanhar os adolescentes na construção de suas identidades e na busca de sentido existencial nas relações afetivas com as pessoas, o transcendente e a própria profissão. Para tanto, serão utilizados livros, periódicos, artigos de livros e textos da internet que possam auxiliar na construção de um texto coeso e objetivo, sem descartar a utilização de análises criteriosas e hermenêuticas por parte do autor. Compreendendo a metodologia como um conjunto de recursos, procedimentos e enfoques que nos auxiliam na apropriação do objeto de investigação, bem como todo o caminho de estruturação da monografia, buscamos eleger os métodos teóricos de análise-síntese, indutivo-dedutivo, sistêmico e hermenêutico, com vistas à apropriação científica do objeto em estudo.

A investigação está estruturada em três capítulos que versam sobre as buscas adolescentes na construção do sentido para a própria vida. O primeiro capítulo procura discorrer sobre a busca de construção da própria identidade, autoconceito ou o conceito de si. Neste itinerário intelectual, servimo-nos de autores renomados nas áreas da psicologia e das ciências sociais a fim de que pudéssemos compreender a categoria adolescência e seu lugar diante da vida e, em consequência, entender qual o lugar desta faixa etária para a Logoterapia de Viktor Frankl e seus seguidores. O segundo capítulo privilegiou a busca do outro na perspectiva de resposta ao sentido da vida. Neste sentido, serão priorizadas as relações afetivas no seio da família, a afetividade nos relacionamentos amorosos, a sexualidade adolescente e, finalmente, a relação dos adolescentes com o

transcendente, uma vez que a Logoterapia postula a existência de um inconsciente noético ignorado e reprimido pela sociedade. No terceiro e último capítulo, a pesquisa abordará a busca de sentido adolescente através da orientação e escolha profissional, posto que a abordagem logoterapêutica defende que o sentido será encontrado quando aceitamos o sofrimento, quando nos dedicamos a uma pessoa ou a uma tarefa criativa, capaz de manifestar a autotranscendência do ser humano ao realizar-se no aprimoramento de pessoas e do mundo exterior, pois o trabalho e a profissão considerados bons deverão ser os que transformam o mundo e as pessoas em seres melhores.

1 A BUSCA DE SI MESMO: FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO NA ADOLESCÊNCIA

Neste primeiro capítulo, a investigação, partindo do postulado primário da Logoterapia, que aponta para a vontade de sentido, apresentará o contexto de surgimento da terceira força em psicologia, no sofrimento dos campos de concentração, para explicitar que a busca de sentido essencial ao adolescente é responder para si mesmo e pra sociedade quem ele é e qual sua missão no mundo.

1.1 Logoterapia: responder ao sentido da existência

Em meados do século XX, Viktor Frankl, psiquiatra e psicólogo austríaco, criou o que posteriormente seria chamada a terceira força em psicologia, ou seja, a Logoterapia, justamente para divergir das outras escolas existentes, quais sejam, a psicanálise freudiana, centrada na libido, no prazer e nas preocupações sexuais, e a escola de Adolf Adler, que privilegiava a vontade de poder como superação do complexo de inferioridade presente no ser humano.⁴ Muito embora essas escolas previamente citadas tenham feito parte da formação teórica de Frankl, o que o pai da Logoterapia tentou fazer foi mostrar o quanto há no ser humano de vontade de transcender e aceitar, quando possível os próprios limites.

O que Viktor Frankl chamou de Logoterapia é a busca de sentido para a própria existência, por mais que esta esteja ameaçada ou até aparentemente fracassada. No entendimento de Frandoloso, a Logoterapia é uma escola de psicologia com muita amplitude e aplicação em função de destinar-se a pessoas sadias e doentes.⁵ Falar em Logoterapia é discorrer sobre a existência de alguém que esteve como médico e como prisioneiro comum nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido,

[...] era o nascimento da Logoterapia. Uma modalidade de tratamento que buscava resgatar, da intimidade da alma dos prisioneiros, o sentido da vida, o interesse por alguma tarefa interrompida, à espera de realização após o

⁴ SILVA, Joílson P.; DAMÁSIO, Bruno F.; MELO, Suéllen A. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2009.

⁵ FRANDOLOSO, Francielle. *Dependência química: uma abordagem logoterapêutica*, Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2008. p.19.

fim do martírio, ainda que fosse simplesmente procurar familiares em alguma parte do mundo.⁶

Em meio aos sofrimentos de um ambiente de guerra e de campos de concentração, Viktor Frankl quis se colocar ao lado dos companheiros sofridos, repletos de perdas físicas e espirituais e, como se não bastasse, ainda quis dar sentido ao que ele viria a chamar de existência desnuda, tentando escrever seus livros que seriam a base de sua escola psicológica.

Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que restou em comum com nossa vida de antes? Para mim, por exemplo, ficaram os óculos e o cinto; este, entretanto, teria que ser dado em troca de um pedaço de pão, mais tarde.⁷

O livro *Um psicólogo no campo de concentração* pretende ser uma descrição da liberdade de prisioneiros em situações limítrofes da existência.⁸ Portanto, os questionamentos ali postos não são de caráter conceitual, mas são perguntas existenciais de enfrentamento da fragilidade e do despojamento da própria existência, em um ambiente hostil e deprimente.

O *experimentum crucis* de seus ensinamentos foram para Frankl os três anos que passou em quatro campos de concentração, entre os quais o de Auschwitz. [...] Esses anos lhe mostraram com toda nitidez que perde a sua humanidade o homem que perde o sentido da vida. De modo idêntico constata ele que nenhuma vida humana necessariamente perderá o seu sentido, sejam quais forem as circunstâncias, sequer em Auschwitz.⁹

Assim, este livro assume um aspecto testemunhal, posto que os prisioneiros, diante do contexto dos campos de concentração, poderiam fazer deste acontecimento apenas uma condição, enquanto outros poderiam assumir esta realidade como oportunidade de conquista interior.

Na visão de Langle, a pessoa, quando se encontra em situações que exigem decisões, deverá assumir inicialmente o seguinte princípio básico: este problema é algo que pode ser mudado ou se configura como algo irremediável? No primeiro

⁶ GOMES, José C. V. *Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 21.

⁷ FRANKL, 2005, p. 25.

⁸ PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 74.

⁹ BOSCHEMEYER, U. Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho na logoterapia. In: V.V.A.A. *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 37-38.

caso, se há possibilidade de mudança, a pessoa deverá se empenhar para transformação; e quando não temos forças para mudar alguma situação, que nos deixemos transformar por ela.¹⁰ Às vezes, sofremos porque queremos mudar as situações e as pessoas. Todavia, quando modificamos nossos pensamentos e atitudes em relação às pessoas e acontecimentos, por vezes, a vida se torna mais leve.

O homem pode dar sentido à sua existência ao fazer algo, ao agir, ao criar algo – ao realizar uma obra; [...] ao vivenciar algo – amar a natureza, a arte, pessoas; e, terceiro finalmente o homem também consegue, lá onde não tem as possibilidades da primeira ou segunda direção, conferir valor à sua vida dando-lhe um sentido – a saber, exatamente na forma como toma posição diante do imutável, fatal, inescapável, inevitável limite de suas possibilidades, como ele se coloca e se comporta diante dele, como ele aceita seu destino.¹¹

Na perspectiva de Bretones, encontrar sentido para a vida significa ser capaz de decidir e tomar decisões.¹² Dar sentido à existência é muito mais do que ficar olhando para as perdas. O importante é canalizar esforços para saber o que fazer com o pouco que nos restou. Pessoas há que não encontram forças para viver com sentido. Um olhar retrospectivo para um passado marcado por uma existência vazia de sentido deprime e paralisa os seres humanos. O importante é revestir o passado, o presente e o futuro com ações e decisões que direcionem os rumos da existência. Mesmo uma vida toda ela marcada por falta de sentido poderá ser bem aproveitada pelos atos corajosos daqueles que assim o decidirem, embora faltando um só dia para o ocaso da existência. Para ilustrar este pensamento, transcrevemos a seguinte passagem do próprio Viktor Frankl baseada na novela *A morte de Ivan Ilyich*, de Leon Tolstoy:

A história de um homem que aos sessenta anos veio a saber que deveria morrer dentro de dois dias. Mas por uma intuição ele percebe, não apenas ao confrontar a morte, mas ao dar-se conta que havia desperdiçado a vida, que sua existência fora praticamente sem sentido – por esta intuição ele se eleva acima de si mesmo, cresce para além de si e assim finalmente é capaz de retroativamente encher a própria vida com um sentido infinito.¹³

¹⁰ LANGLE, Alfried. *Viver com sentido: análise existencial aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 71.

¹¹ FRANKL, Viktor E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990. p. 83.

¹² BRETONES, Francisco. *A logoterapia é óbvia: experiências logoterapêuticas com o homem comum*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 21.

¹³ FRANKL, Viktor E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 15. ed. Aparecida: Idéias e Letras, 2005. p. 84.

De acordo com Xausa, por haver ameaças constantes de morte nos campos de concentração, era comum os atormentados prisioneiros nutrirem pensamentos e práticas suicidas, atirando-se contra a cerca elétrica.¹⁴ Todavia, o prisioneiro 119.104, Viktor Frankl, fiel aos seus propósitos e convicções, ao alimentar dentro de si um amor à vida, assumiu para si próprio o compromisso de seguir vivo em busca de sentido para sua existência desnuda. Apesar das condições indignas de sobrevivência, o que se pretendia era fixar um olhar para o futuro, alimentar esperanças de superação, encontrar propósitos para continuar vivendo; quando não se lograva tais requisitos, a vida realmente se revestia de tédio, sem brilho e sem cores, o que resultaria quase sempre em suicídio.

Segundo o pensamento de Langle, dar sentido á vida significa mobilizar a inteligência, as emoções e ações com vistas a engajar-se em cada situação concreta da existência, assumindo uma causa, uma proposta de cada hora, de modo que não sejamos esmagados pelos próprios acontecimentos.¹⁵ Isso significa, na visão do autor, dar forma a cada situação. Tal atitude poderá ser inferida a partir de atividades simples, porém significativas, de fazer planos, comemorar as vitórias, assumir novas ideias, ocupar-se com as tarefas imediatas, viver sempre com um “para quê”. Em poucas palavras, é assumir um programa para cada ação humana, sem jamais viver à toa.

O ser humano é um ser capaz de buscar e encontrar sentido para sua existência. Talvez seja o único capaz disso. Não se trata de inventar sentido, mas de encontrá-lo por mais que este esteja obscuro. Na realidade,

[...] não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas ao contrário, o próprio ser humano é o interrogado, é ele que deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar. [...] Essas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Na verdade, a existência só pode ser “nossa” se for responsável.¹⁶

Gomes narra um acontecimento do Campo de Concentração de Auschwitz, no qual uma enfermeira, passeando por entre fileiras de cadáveres mal-cheirosos, repentinamente percebe o movimento de um corpo.¹⁷ Nota aos poucos que se

¹⁴ XAUSA, Izar A. M. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986a. p. 32.

¹⁵ LANGLE, 1992, p. 13-14.

¹⁶ FRANKL, 2009, p. 13.

¹⁷ GOMES, José C. V. *A prática da psicoterapia existencial*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 43.

tratava de uma adolescente de 15 anos. A enfermeira questiona o que aquela garota fazia em um ambiente tão aviltante. A adolescente responde que era muito difícil viver entre os vivos e estava ali pensando ser mais confortável viver entre os mortos. A atitude desta adolescente nos ensina que cada um de nós além de viver precisa se tornar responsável pela própria existência, posto que sendo livre, o ser humano estará sempre em condições de fazer escolhas as mais diversas, embora aparentemente exóticas para preencher de sentido sua existência. Em contrapartida, Frankl detalha a forma como um jovem assume a notícia de que estaria com um tumor maligno e inoperável no alto da medula espinhal.¹⁸ De vida ativa e de futuro promissor como excelente gráfico de propaganda, aos poucos a doença foi paralisando-o. No hospital, passou a fazer leituras que antes não fazia. Ouvia músicas ao rádio e nutria conversas interessantes com outros pacientes. Em outras palavras, este jovem, embora sabendo que a morte seria iminente, não fugiu desta realidade; mas ao contrário, viveu com intensidade de sentido o pouco tempo de vida que lhe restara. Aos poucos, ficou sem condições de falar, de segurar livros e até mesmo de ouvir músicas, em função das incomensuráveis dores que lhe atormentavam. Sabendo que poderia solicitar uma injeção de morfina antes de vir a morrer, a fim de ter seu sofrimento minimizado, ao perceber que Dr. Frankl passava na enfermaria, acenou para ele. O intuito era solicitar o lenitivo naquele momento para que não pudesse incomodar ninguém à noite. Desta forma, nos últimos suspiros de sua existência, o sentido da vida para aquele jovem, cuja vida aproximava-se de seu ocaso, era antes evitar incômodo aos outros do que pensar no seu próprio conforto. O que ele de longe queria era atrapalhar o sono das enfermeiras e do médico.

O fato anteriormente citado elucida-nos que a atitude assumida por aquele jovem também poderia ter outro desfecho, como por exemplo, a fuga alienante nas drogas, a depressão ou até mesmo o desespero ou o suicídio. Todavia,

[...] se no sofrimento puder ser visto um sentido, a dor poderá ser suportada, e torna-se mínimo o perigo de uma fuga para a droga, a fim de não ter que enfrentar a realidade. Por isso, podemos dizer em resumo: quem encontrar um sentido na vida – e esta pode ser boa ou não – não se interessa por efeitos ilusórios. [...] Interessa-se pelo que é genuíno, pelos valores autênticos, pelas perdas autênticas; enfrenta a vida como ela é, não apenas

¹⁸ FRANKL, 1990, p. 84

como se reflete nas próprias frustrações, de que tenta livrar-se de qualquer maneira.¹⁹

Em outras palavras, podemos dizer que responder ao sentido da vida é uma missão que não podemos delegar ou transferir aos outros. Tal missão é algo único e pessoal. Deixar de assumir o caminho da busca de sentido é fugir da responsabilidade de construir um mundo melhor e a recusa ou omissão em fazer algo que não podemos passar aos outros é uma forma de prejudicar a si próprio e ao universo, uma vez que a vida, sendo única, em hipótese alguma poderá ser continuada ou vivida por outrem.

1.2 Adolescência à luz dos conceitos

A adolescência ao longo dos tempos foi considerada como um período de mudança e transição, que afeta os aspectos físicos, sexuais, cognitivos e emocionais. A própria palavra em sua etimologia latina – *adolescere* – implica tornar-se grande, crescer, desenvolver-se. Desde a Antiguidade, a adolescência foi analisada sob o prisma da impulsividade e excitabilidade. Aristóteles, ao estudar os caracteres das várias faixas etárias, considerava os adolescentes e as adolescentes como seres “apaixonados, irascíveis e inclinados a se deixarem levar por seus impulsos”.²⁰ Platão também dizia ser inadequado o uso de bebidas alcoólicas por adolescentes, pois “não se pode colocar fogo no fogo”.²¹ Conforme observa Cavalcanti, há pouco mais de 300 anos havia pouca referência ao período de vida que, nos dias atuais, chamamos de adolescência.²² O referido autor constata que a sociogênese da adolescência é um fato relativamente recente, já que constitui uma invenção sociocultural do século XVIII. Segundo ele, anteriormente, o que ocorria era a passagem direta da infância para o mundo adulto. Lembra-nos ainda o mesmo autor que o conceito de adolescência foi gestado no seio da revolução industrial e, desta forma, pertence ao mundo urbano.

A adolescência é, sobretudo, uma fase da vida, marcada por uma crise de valores. Há uma ruptura com o passado, posto que o contato com a sociedade irá

¹⁹ LUKAS, Elisabeth. *Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 60.

²⁰ KIELL *apud* NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. São Paulo: Artmed, 1999.

²¹ PLATÃO *apud* NEWCOMBE, 1999.

²² CAVALCANTI, R. C. Adolescência. In: VITIELLO, N. et al. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988.

fazer com que os adolescentes e as adolescentes percebam as contradições presentes na família e na própria sociedade. Diante desta realidade, surge a necessidade de questionar os valores, avaliando-os, para que novos posicionamentos, a partir de sua própria realidade, possam ser assumidos e construídos. O interessante é que não há uma resposta pronta, faz-se necessário construí-la. Daí surge a inquietude e, por vezes, a insegurança; pela primeira vez, é preciso ser “você mesmo”, tomar decisões por si só, tentar usar sua liberdade, seu discernimento e, o mais importante, sua responsabilidade, pois

[...] o caminho para a formação de seus próprios conceitos é rochoso, perigoso, cheio de pedregulhos, trazendo uma carga de dúvida e de insegurança em relação ao que fazer e como agir. É o rompimento com o passado, quando a estrutura do presente não está desenvolvida com base em novos esquemas vitais.²³

Por mais que os pais tentem transmitir suas experiências da adolescência aos filhos, tal atitude nem sempre será profícua, pois cada fase da vida deverá ser antes de tudo “vivenciada” individualmente. Não raro encontraremos os progenitores aconselhando os filhos, tentando evitar que “quebrem a cara”. Entretanto, no intuito de protegê-los, talvez os pais possam estar tolhendo a capacidade de crescimento e realização interior dos filhos e das filhas que dizem tanto amar.

Na percepção de Rena, a adolescência é antecedida pela puberdade que, por sua vez, caracteriza-se por transformações biológicas de grande importância na vida do indivíduo, tais como: a reorganização hormonal e a subsequente reestruturação anátomo-fisiológica, trazendo como resultado tangível um novo corpo de homem ou de mulher, dotado de novas sensações e da capacidade de reproduzir.²⁴ Por isso, o processo do tornar-se adolescente se configura como uma adaptação a um novo corpo. Aberastury refere-se a este período do processo da adolescência como se fosse uma experiência de luto pelo corpo infantil, carregado de tensão e conflito, pois a evidência da menstruação na menina e do sêmen nos garotos impõe, necessariamente, a definição do papel sexual que deverão assumir a partir daquele momento.²⁵ Melo lembra-nos que a adolescência caracteriza-se por uma etapa de radicais mudanças na transição de um ser-corpo-sexuado-criança

²³ NOVELLO, Fernanda. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 14.

²⁴ RENA, Luiz C. C. B. *Sexualidade e adolescência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 31.

²⁵ ABERASTURY, Arminda et al. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 25-26.

para um ser-corpo-sexuado-adulto no mundo.²⁶ E, como escreve Cecília Meireles, “a vida só é possível reinventada”.²⁷ Por isso, os adolescentes e as adolescentes creem em sua infinita possibilidade de reinventá-la, a partir do momento em que buscam a reelaboração de seu universo existencial. Adolescência configura-se como um tempo momentâneo de indefinição; porém, de busca do autoconhecimento, de conquistar espaços. Enfim, um tempo de ser-corpo-sexuado no mundo com os outros.

É significativo ressaltar o pensamento de Streck, quando apresenta a adolescência hodierna marcada por profundas transformações, sobretudo oriundas de uma sociedade industrial que exige das mães uma maior permanência no mercado de trabalho.²⁸ Se antes os pais estavam dominando o espaço público, hoje também as mulheres o estão ocupando, o que reserva aos adolescentes e às adolescentes uma orfandade no que tange aos modelos tradicionais de construção da identidade, uma vez que com a ausência dos pais no interior de seus lares, os adolescentes vão buscando outras referências fora do espaço familiar e certamente estarão mais independentes para buscar também no espaço público e nas comunidades virtuais novos parâmetros para a formação de suas próprias identidades. Isso pode ser uma faca de vários gumes, haja vista que desta forma os pais perdem o controle sobre a educação dos próprios filhos: dependerá dos adolescentes, das situações e pessoas com as quais venham a relacionar-se para que se transformem em pessoas maduras, resilientes e com uma vida plena de sentido.

Intentando aprofundar e enriquecer a discussão sobre a temática dessa fase da vida, que poderá ser analisada sob diferentes ângulos, pretendemos desenvolver algumas ideias sobre autoconceito, ou seja, o sentimento e o pensamento que o adolescente e a adolescente possuem sobre *si mesmos*, seus valores e competências. Neste intuito, servir-nos-emos das contribuições dos estudos de gênero, de Piaget, de Erikson, de Vygotsky e da Teoria das representações sociais, dentre outros.

²⁶ MELO, S. M. M. *Corpos no espelho*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

²⁷ MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

²⁸ STRECK, Valburga S. Aconselhamento pastoral on-line com adolescentes. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 2, 2007. p. 105.

1.3 Identidade de gênero e formação do autoconceito

De acordo com o grupo Nexo, a identidade de cada pessoa começa a ser construída antes do nascimento, a partir das expectativas e fantasias que os progenitores forjam e depositam nos filhos.²⁹ Antes de nascer, cada um é imaginado, sonhado, amado ou não. Com isso, ao entendermos que a identidade é o que nos diferencia dos outros, não seria possível construí-la sem a ajuda dos outros. É neste sentido que devemos acreditar que a identidade de cada adolescente se constrói, de certo modo, a partir dos modelos de masculinidade e feminilidade presentes no entorno social e familiar.

Quando falamos da construção do autoconceito no que tange à identidade de gênero, é preciso concordar também que a forma como o pai e a mãe vivem sua masculinidade e sua feminilidade capacita o adolescente e a adolescente para uma interpretação positiva ou negativa dos gêneros. Isto implica mais do que discursos sobre os gêneros, exigindo-se atitudes que possam despertar entre os adolescentes uma visão saudável no que tange o respeito pelas diferenças de gênero e uma tranquila ou turbulenta visão da própria identidade em processo de construção:

[...] Uma mãe que vive com satisfação e plenitude sua feminilidade e se relaciona amorosa e valorativamente com o pai, transmite a sua filha a mensagem de que ser mulher é maravilhoso e que a relação com o varão pode potencializar e plenificá-la como mulher. Ao filho varão lhe estará transmitindo uma visão valorativa sobre a mulher e lhe ajudará a desejar buscar outra como ela para viver seu ser varão [...] De igual modo, o pai transmite mensagens com respeito à masculinidade à filha, que têm que ver não apenas com o modo de viver a própria sexualidade, mas também com a forma de relacionar-se com o outro sexo.³⁰

Melo afirma que a formação da identidade e a construção do autoconceito e da autonomia é uma tarefa que se impõe ao adolescente e à adolescente; o grau e a qualidade com que conseguem atingir tal meta irão afetar sua capacidade de vida saudável, incluindo a própria questão da saúde sexual.³¹ No entanto, a autora

²⁹ NEXO, Grupo. *Yá lo sé todo, es solo sexo*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2004. p. 94-99.

³⁰ “[...] una madre que vive con satisfacción y plenitud su feminidad y se relaciona amorosa y valorativamente con el padre, transmite a su hija el mensaje de que ser mujer es maravilloso y que la relación con el varón puede potenciar y plenificarla como mujer. Al hijo varón le estará transmitiendo una mirada valorativa sobre la mujer y le ayudará a desear buscar otra como ella para vivir su ser varón [...] De igual modo, el papá transmite mensajes respecto a la masculinidad y a la hija, que tienen que ver no solo con el modo de vivir la propia sexualidad sino también con la forma de relacionarse con el otro sexo”. NEXO, 2004, p. 98. **Tradução nossa.**

³¹ MELO, 2001.

lembra-nos de que a postura dos educadores é de fundamental importância nesta tarefa mediadora junto aos discentes.

1.4 Autoconceito a partir de diferentes abordagens teóricas

A pretensão é investigar o autoconceito e a autoestima, considerando de igual importância a representação social que os adolescentes e as adolescentes fazem de si próprios, entendendo que tais representações estão na cultura e na cognição e se difundem na comunidade social cotidiana, assumindo formas peculiares em conformidade com os grupos sociais nos quais estão inseridos. No entendimento de Minayo, as representações sociais podem ser definidas como senso comum, imagem, concepções e visão de mundo que os atores sociais fazem sobre si e a sociedade, a partir das expressões socializadas como frutos das vivências do cotidiano.³² Entretanto, o conceito de si mesmo poderá ser formado a partir dos conteúdos psíquicos, da individualidade de cada um, que interpreta as figuras e expressões socializadas segundo seu próprio potencial. O autoconceito, portanto, deve ser considerado como uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo.

Ao afirmar que a autoestima é parte indissociável do autoconceito, por expressar um sentimento de aprovação ou de repulsa de si mesmo, um juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo, Costa salienta que a autoestima afeta a participação exitosa de um adolescente com os outros, já que a baixa autoestima desenvolve mecanismos que distorcem e dificultam a integração entre os indivíduos no grupo.³³ Logo, tanto o autoconceito quanto a autoestima são atributos profundamente individuais, pois representam fatores decisivos na relação dos adolescentes e das adolescentes consigo mesmos e com os outros, influenciando de forma considerável o comportamento e as vivências dos indivíduos. A autoestima, como fenômeno atrelado ao autoconceito, deverá ser levada em consideração no estudo da adolescência, pois, sendo uma construção complexa, em algum momento, poderá ter uma carga depreciativa,

³² MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

³³ COSTA, A. C. G. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

conduzindo indivíduo à depressão, suicídio, sentimento de inadequação, ansiedade e isolamento.

Ao estudar o pensamento de Jean Piaget, sobretudo sua teoria construtivista ou a conhecida epistemologia genética, aprendemos que entre 11 e 12 anos a pessoa humana começa a fase mais evoluída do desenvolvimento psicognitivo: o período das operações formais. Neste sentido, Piaget assevera, de forma expressiva, que

[...] as operações formais assinalam uma etapa em que o conhecimento supera o próprio real para inserir-se no possível e ligar diretamente o possível ao necessário sem a mediação indispensável do conceito [...]. Com efeito, a primeira característica das operações formais consiste em poderem elas realizar-se sobre hipóteses e não somente sobre os objetos.³⁴

Conforme Palmonari, é no período da adolescência que se aprende a pensar e a raciocinar em termos hipotético-dedutivos.³⁵ O adolescente e a adolescente aprendem progressivamente a usar o pensamento abstrato e a representar o mundo familiar, escolar, social e político. Além disso, passam a representar o mundo de forma relativa. Começam a rebelar-se contra a realidade posta, e passam a não mais aceitar o instituído, uma vez que são capazes de propor mudanças no plano da representação mental. Deste modo, tornam-se os adolescentes e as adolescentes capazes de expressar juízos explícitos e, por vez, severos à realidade dos adultos. O desenvolvimento gradual do raciocínio hipotético-dedutivo e do lógico-indutivo, inerentes ao período das operações formais, deverá conduzir o indivíduo a uma moderação entre o ideal e o real. Muitas vezes, os adolescentes e as adolescentes serão convidados a colocar os pés no chão, a serem menos utópicos e sonhadores para tornarem-se mais objetivos em suas escolhas e ações.

O alargamento do horizonte cognitivo dos adolescentes e das adolescentes haverá de levá-los à reflexão sobre si mesmos, uma vez que estarão procurando dar respostas sobre quem realmente são e o porquê de serem desta forma e não de outra, havendo inclusive questionamentos se realmente são filhos dos progenitores ou se são filhos adotivos.

Faz-se interessante notar que na evolução do autoconceito, os adolescentes e as adolescentes começam a perceber que nem sempre a percepção que têm de si

³⁴ PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 47.

³⁵ PALMONARI, Augusto. *Os adolescentes*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 69.

próprios corresponde às expectativas sociais, e é por isso que existe um período de reforçamento da própria identidade, quando os garotos e as garotas se fecham em mundos separados, em guetos, a fim de construir sua identidade, atingir uma autonomia em relação aos adultos. No entanto, ao constatarem que há uma discrepância entre o que pensam de si mesmos e o que os outros esperam deles e delas, os adolescentes e as adolescentes poderão reavaliar suas condutas, para que sua autorrepresentação possa adequar-se às expectativas da sociedade.

Palmonari chega a dizer que o autoconceito funciona como uma teoria que os indivíduos têm sobre si mesmos e que constantemente se veem obrigados a reelaborá-lo no curso de sua existência.³⁶ Nesta perspectiva, também Erikson afirma que a identidade na adolescência vai se configurando à medida que o indivíduo busca responder à pergunta: *Quem sou eu?*. Para ele, estabelece-se uma crise que necessita ser superada: *identidade versus confusão de papéis*. Erikson dedica um grande espaço à adolescência em sua teoria, com o rompimento desta ideia tão bem difundida na sociedade ocidental de que é próprio deste período a rebeldia, a turbulência, a angústia e o sofrimento.

Tal ideia não se sustenta em sua teoria, porque, segundo Erikson, torna-se necessário entender que o indivíduo pertence a um contexto sociocultural e, assim sendo, o fracasso e o êxito do adolescente e da adolescente dependem das condições objetivas, e que a sociedade oferece ou nega a estes indivíduos. Em sua teoria do desenvolvimento da personalidade – *Teoria das oito idades* – Erikson considera a adolescência a quinta idade do ser humano, na qual o conflito nuclear é identificado como “Identidade *versus* Confusão de Papéis”. Sob este aspecto, é na resolução da crise de identidade que os adolescentes e as adolescentes se firmarão como seres autônomos, assumindo os grandes riscos e as grandes possibilidades para o projeto da adolescência e da vida em contínua construção. Isso implica

[...] um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com a tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo, ele julga a maneira como os outros o julgam, de

³⁶ PALMONARI, 2004, p. 83.

acordo com o modo como ele se vê, em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.³⁷

Pelo exposto, passamos a entender que o processo de construção do autoconhecimento dos adolescentes e das adolescentes representa um *continuum*; ou seja, perdura por toda a vida e poderá alcançar maior ou menor intensidade em determinados períodos da vida em meio a crises e conflitos. Neste sentido, diríamos que a adolescência é, por excelência, um período de crise e de identidade.

Se nas fases anteriores, o indivíduo teve como parâmetro a personalidade dos adultos: os pais, os professores, os amigos, em uma contínua identificação e incorporação de comportamentos, é agora na adolescência que se faz necessário construir a imagem de si mesmo, de modo a separar-se, a repartir ou a combinar aspectos dos demais.

Convém destacar que Vygotsky é considerado um autor interacionista, posto que acredita ser na relação entre indivíduo e meio histórico-cultural que os processos psicológicos são construídos. Deste modo, o indivíduo é sempre ativo em seu processo de desenvolvimento, não estando à mercê dos mecanismos de maturação nem submetido passivamente às imposições do ambiente. Deste modo, poderemos dizer que “a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos”.³⁸ A partir deste contexto, entendemos que os fenômenos primeiramente acontecem em um ambiente intersíquico, para depois serem internalizados no mundo intrapsíquico. Vygotsky defende que a atividade psicológica é sempre laboriosa, porque o ser humano não absorve mecanicamente os fatos, mas a mente necessita, com base na simbologia sociocultural, dar significado, reconstruir os conteúdos que vai gradualmente internalizando. Assim, poderemos afirmar que o indivíduo ativamente realiza uma leitura, em busca de dar sentido próprio à realidade social. Tendo como base estes argumentos, poderíamos dizer também que o autoconceito não se constrói de forma isolada nem imediata. O indivíduo, aos poucos, passa a internalizar o conceito de si mesmo, tendo como parâmetro as relações sociais, as formas como tem sido tratado pelos adultos ao longo de sua história. Se o interacionismo de Vygotsky postula que o conhecimento é processual,

³⁷ ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 22-23.

³⁸ VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 65.

também devemos concordar que jamais a noção que o adolescente e a adolescente têm de si mesmos é definitiva, acabada. Nunca estamos prontos. Os contextos culturais são dinâmicos e, por conseguinte, a própria percepção do eu interior e da adolescência serão, necessariamente, provisórios.

Por sua vez, Vygotsky defende que as atividades intelectuais típicas do adulto, ou seja, a formação dos conceitos só é possível ter seu pleno desenvolvimento na puberdade, pois para aprender um conceito é primordial, além das informações recebidas do ambiente histórico-cultural, uma intensa atividade mental, como, por exemplo, a atenção deliberada, memória lógica, abstração e capacidade para comparar e diferenciar.³⁹

Na construção e dinâmica do autoconceito, a escola, na perspectiva vygotskiana, desempenha um importante papel como mediadora, tendo em vista que as crianças e os adolescentes não assimilam conhecimentos prontos; então, poderíamos afirmar que a escola possibilita ao indivíduo uma construção sistemática e processual dos próprios conceitos e autoconceitos que nem sempre estão disponíveis na vivência direta dos adolescentes e das adolescentes.⁴⁰ Nesta perspectiva, o interacionismo vygotskiano poderá ser útil na formação da própria identidade de gênero, ao criticar analiticamente os (pré)conceitos e tabus disseminados na sociedade e que nem sempre podem adequar-se ao psiquismo dos adolescentes e das adolescentes. É na escola, sobretudo, que os adolescentes e as adolescentes poderão ser auxiliados, fazendo com que sejam capazes de adquirir e incorporar percepções novas das pessoas, dos fatos sociais e de si mesmos, na tentativa de serem construídos valores e atitudes mais justos nas relações sociais. Deste modo, a zona de desenvolvimento proximal tornar-se-á uma zona de desenvolvimento real, porque sozinhos, no isolamento e na autossuficiência, dificilmente os adolescentes e as adolescentes conseguirão dinamizar seu potencial.

1.5 Identidade adolescente na abordagem logoterapêutica

Viktor Frankl certa vez foi questionado por um jovem que exercia a profissão de auxiliar de alfaiate a respeito do sentido da sua existência e, embora aceitasse

³⁹ VYGOTSKY, 1984, p. 50.

⁴⁰ REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 70.

que o pai da logoterapia ajudasse muitas pessoas com seus postos de aconselhamento, acusa o referido autor de leviandade em função de não conseguir oferecer uma resposta plausível que preenchesse o significado de sua existência.⁴¹ Assim, o jovem se perguntava: *Quem sou eu? O que sou eu? De que forma posso dar sentido ao meu agir?*. E ele próprio arriscava uma resposta, afirmando ser um auxiliar de alfaiate. Contudo, Frankl acredita que não é apenas a posição que a pessoa ocupa na vida que vai dar significado ou plenitude para o seu viver, o que se torna importante é a forma como ocupamos uma posição ou mesmo uma profissão. Pode acontecer que um auxiliar de alfaiate possa ter uma vida mais satisfeita e plena de sentido que a vida de outros profissionais que talvez ele possa invejar por ocupar profissões elitistas na sociedade.

O fundador da Logoterapia teve uma grande preocupação em auxiliar a juventude vienense que a ele acorria com seus inúmeros problemas. Por isso mesmo, criou inúmeros centros de aconselhamento para jovens do último ano do colegial a fim de atender em sua maioria casos de tentativa de suicídio. Frankl servia-se de meios eficazes para divulgar o seu trabalho voluntário junto aos jovens, quais sejam: cartazes nas escolas, revistas e jornais. A juventude vienense era acometida de várias doenças mentais, depressões e tentativa de suicídio, sendo que o esforço e compromisso do Dr. Frankl não se limitaram a dar conferências e atendimento personalizado aos jovens, posto que alertou às autoridades competentes a fim de buscar solução para estes problemas de saúde pública. O projeto de Viktor Frankl para ajudar a juventude de seu país passou pela organização de uma lista dos principais problemas psicológicos que atormentavam os jovens a fim de sensibilizar as autoridades competentes e outros psicólogos para o enfrentamento das questões. Frankl foi exitoso em sua batalha e assim, em 1931, os casos de suicídio foram erradicados em Viena.

A quantidade de problemas era tamanha que o projeto foi um grande socorro prestado àquela juventude perdida dos anos 30. O próprio Dr. Frankl publica, em 1935, uma resenha de 900 casos tratados pessoalmente por ele, apresentando, em paralelo, algumas propostas de solução. Vasta e variada problemática: conflitos familiares, problemas sexuais, distúrbios físicos e psicossomáticos, dificuldades financeiras ou simples pedidos de orientação.⁴²

⁴¹ FRANKL, 1990, p. 71.

⁴² GOMES, 1988, p. 18.

É importante notar que, em uma pesquisa entre 60 jovens estudantes americanos e alunos do Dr. Viktor Frankl, que tentaram praticar suicídio, 85% deles, quando entrevistados, afirmaram que o fizeram porque a vida parecia vazia de sentido e destes jovens propensos ao suicídio, 93% eram de condições econômicas consideravelmente privilegiadas.⁴³ Isso significa que não bastam situações de *status* ou de recursos para sobreviver, mas torna-se necessário significar a existência, encontrando um para que viver. Em contrapartida também há pessoas que a despeito das condições aparentemente favoráveis da existência parecem encontrar sentido e felicidade até mesmo dentro de uma prisão.

Aquele que acredita que, primeiramente, precisa ser saciada a fome, para que somente depois possa refletir sobre o sentido da vida, está enganado. Pois, sem conhecer um sentido mais profundo da vida, suporta-se nem a fome, nem a saturação desmedida.⁴⁴

A ausência de sentido que atinge os seres humanos e em específico os jovens é oriunda, na visão de Frankl, de uma dupla perda que vem sofrendo o ser humano: a perda dos instintos e a perda das tradições.⁴⁵ As pessoas não agem por instinto de modo que tenham suas necessidades satisfeitas e sua sobrevivência garantida à semelhança dos animais irracionais. Quando busca sentido para seu peregrinar terreno, tenta segurar-se nas tradições, no *modus vivendi* já solidificado e palmilhado pelas gerações passadas. O que ocorre é que em um tema de vertiginosas mudanças, os jovens de uma sociedade planetária e pós-moderna não encontram âncora nas tradições, nos conselhos e referenciais das gerações anteriores. Os jovens precisam construir a sua trajetória e nem sempre essa tarefa se torna fácil, uma vez que as tradições já não representam parâmetro para sua existência.

Lukas, após realizar um teste com 1000 pessoas de diferentes faixas etárias, constatou que, no período de 15 a 30 anos, os jovens embora busquem não conseguem encontrar valores elevados nesta fase da vida. A atual fase pós-moderna preponderantemente hedonista e imediatista coloca os jovens em uma

⁴³ FRANKL, 2005, p. 14-15.

⁴⁴ LUKAS, Elisabeth S.; EBERLE, Michael M. *Tudo tem seu sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

⁴⁵ FABRY, Joseph B. *A busca do significado: Logoterapia e vida*. 4. ed. São Paulo: ECE, 1984. p. 123.

busca de sentido até mesmo alienante, às vezes e por esta razão talvez, muitos ao longo do caminho experimentam fracassos e frustrações. Todavia,

[...] é óbvio que esta busca e luta podem levar a desvios e becos sem saídas, que até possam revelar como desprovidos de sentido. Aos jovens precisa ser concedido o direito de cometer erros e modificações sejam por vezes dolorosos, como por exemplo, mudanças repentinas na formação acadêmica e/ou profissional e troca de círculos de amigos.⁴⁶

O que se torna relevante é a busca do sentido, sem jamais desistir. Muitos adolescentes e jovens enveredam pelos caminhos das drogas, a tirania das seitas ou mesmo a obstinada atitude oposicionista justamente porque desistem facilmente de lutar por um sentido que realmente possa preencher sua existência. Dita de uma outra maneira, a falta de sentido dos jovens, camuflada nestas satisfações provisórias, poderá ser algo passageiro, um fato até mesmo normal, no percurso da existência, até que encontre êxito em suas buscas. No entanto, não existe garantia para que o insucesso também não se estabeleça, na forma de vida frustrada e infeliz, configurando-se como uma vida repleta de aflições.

É importante ressaltar que não é só o excesso de aflições que pode sobrecarregar a esfera afetiva e com isso a capacidade de defesa do organismo, mas principalmente uma deficiência de conteúdo na vida. Isto significa uma carência de um pensar e agir humano que caracteriza-se por um viver superficial e que as relações na maioria das vezes são objetificadas e objetificantes. O ser humano relaciona-se consigo mesmo e com os outros apenas a partir da regra convencional massificante e consumista, não oportunizando espaço para as perguntas sobre o ser e o sentido do porque das coisas e dos eventos.⁴⁷

Frankl elucida que, em uma importante universidade americana, os jovens que ali se encontravam para assistir à conferência a ser por ele proferida estavam muito preocupados que o tema a ser desenvolvido respondesse à pergunta se a geração atual dos jovens é louca.⁴⁸ E o conferencista demonstra por meio de sucessivas pesquisas científicas que as neuroses de massa que atingem em especial aos jovens por meio de agressão, depressão e toxicodependência são um reflexo da falta de sentido e da ausência de projetos relevantes para a existência.

⁴⁶ LUKAS, 1990, p. 19.

⁴⁷ DITTRICH, Larissa F. *A dimensão noética em Viktor Frankl*. Monografia (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 19.

⁴⁸ FRANKL, 2005, p. 20.

É inegável que vivemos hoje um período de crise de valores e das tradições, o que se expressa por meio de um vazio existencial, como enfatizamos anteriormente. Certa vez, quando Frankl visitou o Japão, uma jovem lhe interrogou como seria possível encontrar sentido em uma época em que as pessoas extinguem as tradições e os valores. A pergunta instigante daquele jovem levou o pai da logoterapia a explicitar a importância da educação para além da transmissão de conhecimentos e valores que passavam de uma geração à outra, pois

[...] a missão da educação não se traduz meramente em divulgar conhecimentos, mas auxilia o homem a aperfeiçoar sua consciência individual, de maneira que ele se torne capaz de descobrir os sentidos únicos inerentes a cada situação de sua vida. O desaparecimento da tradição afeta somente os sentidos universais, os valores. Os sentidos únicos não podem ser afetados pela perda da tradição por que eles não morreram – devem ser descobertos por cada um de nós em cada momento específico.⁴⁹

Será reservada à educação, portanto, a tarefa de auxiliar os jovens como guias no encontro destes sentidos particulares para a existência. Assim, a educação servirá à juventude à medida que desenvolva habilidades de autonomia e construção de sentidos mais humanizadores para a sociedade, pois de nada adiantaria transmitir conhecimentos teóricos ou até mesmo técnicos sem questionar o sentido da existência, a teleologia de sua aplicação e a destinação de seus benefícios ou prejuízos.

⁴⁹ FABRY, 1984, p. 126.

2 A BUSCA DO OUTRO: A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE

Antes de adentrarmos na discussão sobre a afetividade adolescente, nas peculiaridades que lhes são inerentes – quais sejam a busca dos outros nas relações familiares, amorosas e transcendentais – faremos uma breve exposição da visão de ser humano que subjaz na teoria e psicoterapia de Viktor Frankl.

2.1 A antropologia de Viktor Frankl

Levando-se em consideração a análise de Peter, veremos que a teoria e a práxis de Frankl partem sempre do espiritual e a ele se destina.⁵⁰

Para Viktor Frankl interessava a ampliação do conhecimento da essência do ser humano, no que ele ultrapassa a moldura biopsicológica da imagem do ser humano, que lhe fora transmitida, ao avançar para antropologia filosófica. Nesse sentido, ele foi o primeiro psiquiatra que refletiu sobre o fato de que o ser humano, além de sua base celular somática e de sua disposição psíquica, possui ainda uma dimensão espiritual.⁵¹

O ser humano é uma unidade bio-psico-espiritual. Todavia, ao tratar da dimensão espiritual do ser humano, não devemos equacionar de forma exclusiva esta realidade à dimensão religiosa do ser humano ou mesmo a uma experiência concreta de pertença a uma instituição religiosa. Contudo, a afirmação se refere ao

[...] reconhecimento no noos de uma instância superior no homem, que ao mesmo tempo que busca um sentido último da existência, representa também uma espiritualidade que aponta para uma dimensão, extra-humana, supratranscendente, que é Deus.⁵²

O que se pretende é elucidar que o ser humano é o único ser capaz de buscar e lutar por sua transcendência e pelo significado de sua existência. Na acepção de Fabry, Viktor Frankl, ao discorrer sobre a espiritualidade humana, usou a terminologia dimensão noética, servindo-se do vocábulo grego, querendo assim expressar as atividades especificamente humanas tais como: ideias, anseio por sentido, fé, amor, imaginação e autotranscendência, dentre outras.⁵³

⁵⁰ PETER, 2005, p. 28-33.

⁵¹ ALBRECHT, Astor. *Depressão: do que se trata? Uma proposta para uma atuação pastoral a partir da logoterapia*. Monografia. São Leopoldo, 1999. p. 17.

⁵² XAUSA, 1986a, p. 117.

⁵³ FABRY, 1984, p. 42.

A dimensão noética é a dimensão onde está enraizada a consciência para a liberdade, para autotranscendência. É de lá que emerge a espiritualidade e a criatividade do ser humano que o situa uma pessoa espiritual, livre para ser no mundo.⁵⁴

A partir do pensamento precedente, inferimos que o ser humano jamais poderá se acomodar com o momento presente, com as contingências ou determinações externas, posto que há dentro de cada pessoa uma capacidade de ser-mais, de encontrar forças além do contexto e circunstâncias em busca de superação. Deste modo,

[...] Frankl desenvolveu sua própria antropologia, cuja afirmação central é a seguinte: o homem possui uma dimensão existencial (especificamente humana) que o distingue dos outros seres vivos e para qual não se transferem as ocorrências da esfera bio-psíquica. Frankl denominou-a dimensão espiritual ou noética (da palavra grega nous, espírito). A partir de então, suas pesquisas concentraram-se em tornar fecunda essa dimensão espiritual do homem, com o fim de aliviar e superar as perturbações da alma.⁵⁵

De forma sintética, poderíamos afirmar que a visão de ser humano postulada pela Logoterapia inclui em seu bojo a espiritualidade, a responsabilidade e a significatividade.

Uma vez tendo comentado a respeito da espiritualidade humana, mister se faz acrescentar alguns conceitos a respeito do que seja a responsabilidade. Na visão de Frankl, veremos a seguir que a mesma está atrelada à liberdade, entendida esta como a capacidade de realizar escolhas e tomar decisões; pois, ser responsável significa dar uma resposta frente a um contexto, a uma situação. Ser responsável é ser capaz de sair da inércia para comprometer-se com o futuro. É ser capaz de dar um sim à vida, mesmo em condições desfavoráveis.

Responsabilidade é aquilo para o que se é “puxado” e do que se “foge”. A sabedoria da língua indica com isso que no homem há forças contrárias que o afastam do assumir responsabilidades [...] É terrível saber que em cada momento sou responsável pelo próximo; que cada decisão, a menor e a maior, é uma decisão “para toda a eternidade”; que em cada momento eu realizo ou perco uma possibilidade, possibilidade de um momento.⁵⁶

⁵⁴ DITTRICH, Maria G. *Tecendo fundamentos para um entendimento de ser humano espiritual*. Monografia. São Leopoldo, 2005.

⁵⁵ LUKAS, Elisabeth. *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus, 2005. p. 146.

⁵⁶ FRANKL, 1990, p. 108.

Uma análise mais apurada do que seja responsabilidade haverá de nos fazer entender que é praticamente impossível compreendê-la prescindindo dos conceitos de consciência e liberdade. No exercício de nossa liberdade, seremos solicitados, à luz da consciência, a responder pelas consequências de nossas escolhas e decisões. Neste contexto, a responsabilidade adquire o seguinte sentido:

A capacidade que temos de dar respostas à vida e de assumir aquilo que fazemos. É a capacidade ou habilidade de responder ou assumir o que fazemos no mundo e esta capacidade não é um impulso instintivo, mas nasce da consciência humana de ser livre.⁵⁷

Ainda se torna relevante acrescentar que, na visão de Bresser, a responsabilidade se configura como uma forma de assumir a missão de dar sentido e valorizar a própria existência, pois se falharmos nesta empreitada poderemos viver de insucessos e frustrações.⁵⁸ Neste sentido, afirmamos que ser responsável é assumir a missão de dar sentido à vida, pois do contrário viveremos entregues ao próprio destino, inertes face aos desafios da vida, esperando ao final a morte como ocaso da existência. Contudo, ao nos tornarmos responsáveis, faremos a experiência de viver com plenitude e dignidade.

A responsabilidade, todavia, não deverá ser encarada apenas como um assumir sentido diante de uma existência individual. A partir da concepção antropológica de Aristóteles, sabemos que o ser humano é político e social. Isto implica em convivência, observância de regras, organização de consensos e, sobretudo, na consciência de que somos cidadãos porque temos obrigações diante das pessoas e da sociedade. É neste momento que passamos a refletir que é necessário ao ser humano vincular a responsabilidade à noção de culpa. Culpa aqui entendida como ato pedagógico que nos faz reconhecer que desrespeitamos os semelhantes, a natureza, os animais, a sociedade e o próprio Deus.

Reconhecimento da culpa significa afirmação da liberdade humana, assim como afirmação de uma ordem de convivência geradora de obrigações. Da mesma forma implica respeito pelo direito de outrem, face ao qual o indivíduo se tornou culpado. Se por razões mais ou menos egoístas praticássemos uma injustiça contra outra pessoa e este nosso ato não devesse ser inquinado com a nódoa da culpa, estaríamos com isso desvalorizando aquela pessoa. [...] Nossa vida é ordenada em função do

⁵⁷ GOMES, 1992, p. 48.

⁵⁸ BRESSER, Paul H. Responsabilidade e responsabilização-sentido da culpa. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 90-91.

convívio com os outros. Este estar-em-comum não configura jamais mero estar-um-ao-lado-do-outro, e sim um com-viver com os demais e um viver para os demais.⁵⁹

Somos seres morais e, por isso, nossa consciência haverá de nos advertir através de um senso moral de culpa não para nos aniquilarmos de forma neurotizante, mas para evitarmos futuras quedas e agressões aos seres que convivem conosco. Desta forma, passamos a entender que a culpa é parte integrante da responsabilidade, pois sem ela viveríamos alienados e repetindo ações danosas aos outros.

No que concerne à dimensão da responsabilidade, Viktor Frankl defende que deva existir um esforço pedagógico que incentive e priorize o exercício da responsabilidade de modo que ela seja uma referência para a sociedade, conforme explicitação seguinte:

Interessante é lembrar as saudáveis provocações do psiquiatra em suas palestras nos Estados Unidos, quando fazia sempre a apologia da construção de uma “Estátua da Responsabilidade” na Costa Oeste, para complementar, simbolicamente, a Estátua da Liberdade na Costa Leste. Contudo, o problema maior desemboca mesmo num grande desafio pedagógico: a educação, para Frankl, deveria assumir, cada vez mais, um direcionamento de “educação para a responsabilidade”.⁶⁰

No esquema inicialmente proposto, que apresentava a concepção antropológica da Logoterapia, na qual o ser humano é um ser de espiritualidade, de responsabilidade e de significatividade, para comentar este último tópico servir-me-ei do pensamento de Frankl, ao considerar as teorias psicológicas existentes em seu tempo que consideravam o ser humano como um ser que reage a estímulos, no caso, refiro-me ao behaviorismo, ou a impulsos internos, a psicanálise como a busca de prazer e a psicologia de Maslow, afirmando que o ser humano é um ser de necessidade.⁶¹ Para Viktor Frankl, a vontade de sentido se torna o interesse primário do ser humano, pois mesmo a busca de prazer ou a vontade de poder, na visão de Adler, só serão plenamente satisfeitas se o ser humano for capaz de responder aos apelos que a vida lhe colocar e a resposta dada em cada situação concreta representará o significado a ser realizado pela própria existência.

⁵⁹ BRESSER, 1990, p. 96.

⁶⁰ PEREIRA, Ivo S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2008. p. 163.

⁶¹ FRANKL, 2005, p. 23.

Ao trabalhar o conceito de significatividade, Frankl faz uma alusão ao olho humano, afirmando que um olho são é capaz de tudo ver, menos a si mesmo.⁶² Qualquer sombra ou reflexo de si mesmo, ao me referir ao olho humano, só será possível diante de um olho com glaucoma, catarata ou outra doença. Nesta direção, o pai da Logoterapia aponta-nos para a realidade que as pessoas sadias são realmente aquelas que não vivem para si mesmas de forma narcisista. Em outras palavras,

[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir a sua função de ver o mundo enquanto ele não vê a si próprio.⁶³

A significatividade é a capacidade de devotar atenção aos outros, no exercício altruísta de serviços aos demais. De nada valeria a vida humana se vivêssemos em uma busca desenfreada por prazeres, sucesso e felicidade, uma vez que os que mais se preocupam com a felicidade mais dela se distanciam.

2.2 Afetividade enquanto experiência do encontro

Em consonância com o pensamento de Quintás, a experiência do encontro é fundamental na vida de todos os seres humanos, posto que mediante esta realidade a pessoa contribui com o que é e o que sabe, beneficiando-se com o que recebe dos outros.⁶⁴ A melhor resposta à experiência do encontro é justamente a alegria, a felicidade e a realização humana. Portanto, as pessoas que se fecham e têm dificuldades de estabelecer vínculos possivelmente estarão destinadas a um sentimento de infelicidade e frustração. A pessoa humana necessita de afeto, de comunicação de sentimentos. Em matéria de afetividade, nós não somos neutros, pois afetamos ou nos deixamos afetar pelos outros.

Privilegiando a afetividade em uma dimensão do amor e não apenas como busca instintiva de prazer, é importante refletir sobre a experiência do contato entre as pessoas conforme explicitação do pensamento seguinte:

⁶² FRANKL, 2005, p. 29.

⁶³ FRANKL, Viktor E. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papyrus, 1991. p. 18.

⁶⁴ QUINTÁS, Alfonso L. *El secreto de una vida lograda*. Madrid: Palabra, 2003.

Para atingirmos o pleno desenvolvimento da afetividade e sexualidade é preciso chegar à atitude do amor, isto é, à relação de encontro entre duas pessoas que as põe em condições de descobrir e acolher o outro, possibilitando enriquecimento mútuo. O amadurecimento sexual se dá, então, quando se progride no sentido de integrar as tendências sexuais instintivas às dimensões psicológica e espiritual. Esse amadurecimento não é apenas algo aconselhável ou indicado pelos especialistas, mas é uma exigência da pessoa, da sua natureza ou da sua ontologia, que apontam para essa unidade da pessoa, de tal forma que, se ela não for alcançada, o homem não se realiza. O desejo de bem, de felicidade, de beleza, de amor que cada um de nós carrega dentro de si não será satisfeito se excluirmos determinados aspectos, se vivemos esse desejo pela “metade”.⁶⁵

Neste capítulo, pretendemos elucidar quais os encontros a que os adolescentes estão destinados e seus possíveis desdobramentos, quais sejam: o encontro com a família, o encontro com os outros e o encontro com Deus, a partir da experiência religiosa.

2.3 As relações afetivas na família

Lukas traça um perfil contundente da realidade da família no mundo hodierno, quando a caracteriza como descentralizada, fragmentária não apenas na perspectiva de um reagrupamento geográfico necessário nas décadas de 1940 e 1950, especificamente no pós-guerra.⁶⁶ Sobretudo hoje seria necessário um reagrupamento espiritual, pois o que se assiste é o desprezo pelos idosos, a separação entre os cônjuges, distanciamento entre os parentes, filhos adolescentes evadindo-se do lar, crianças sendo educadas pela TV, dentre outras peculiaridades.

Na percepção de Custem, os casais de segunda união são famílias recompostas porque acreditam na possibilidade de continuar, apesar da separação e do divórcio.⁶⁷ Assim, as crianças precisam quase sempre aprender a conviver com membros estranhos como o namorado da mãe ou mesmo o padrasto ou a madrasta. Mesmo assim, os padrastos e madrastas passam ou deverão passar a ser pais afetivos destas crianças e adolescentes. E, para todos, pais e padrastos, vale a seguinte orientação:

Se os pais honrarem seus filhos [...] atenderem suas necessidades, os filhos viverão bem (no sentido moderno: não experimentação traumas que deixam

⁶⁵ BRANDÃO, Sílvia R. *Afetividade e sexualidade para o adolescente*. Disponível em: <<http://www.pnsesperanca.com.br>>. Acesso em: 19 dez. 2010.

⁶⁶ LUKAS, 1990, p. 27.

⁶⁷ CUSTEM, Chantal. *A família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. p. 89-90.

recalcar, não desenvolverão neuroses e depressões) e terão longa vida. Se os filhos adultos honrarem seus pais, (no sentido moderno: não os hostilizarem, não os ignorarem, e em vez disso os visitarem freqüentemente e lhes prestarem assistência quando necessitarem) então viverão bem e longamente.⁶⁸

A autora previamente citada faz uma alusão ao Quarto Mandamento da Lei de Deus para construir uma hermenêutica a partir da qual os maiores problemas da afetividade humana se encontram nas relações ocorridas entre pais e filhos. Todavia, torna-se necessário elucidar que quando existe relação, encontro entre as pessoas, sempre haverá a possibilidade de também ocorrer entre elas situações de atritos, agressão e constrangimentos. A prática de 25 anos desta psicoterapeuta revelara que há muitos filhos que guardam mágoas de seus pais, bem como há muito pais que se sentem rejeitados e esquecidos por seus filhos. O que se propõe inteligentemente é que as pessoas sejam capazes de avançar para a maturidade e o perdão.

A juventude tem muitas vantagens sobre a velhice: ela encerra em si a semente de seu próprio futuro. Mas falta-lhe uma característica: jamais possuirá a colheita armazenada de uma vida humana plenamente amadurecida.⁶⁹

A partir desta situação, entendemos que não seria salutar nutrir sentimentos de confronto e combate entre as gerações. Se todos lutamos e vivemos em busca de sentido, o que nos dignifica é a capacidade de superar as adversidades e os traumas das próprias relações humanas, oriundas de conflitos e mágoas ocorridos no passado, mas que muitas vezes ocupam a lembrança e os sentimentos das pessoas. O que será profícuo entre as gerações é nutrir um sentido nobre de respeito entre os jovens e as gerações mais maduras, cada uma delas valorizando e beneficiando-se daquilo que lhe é inerente.

No convívio familiar, é quase impossível uma relação sem que haja agressões e feridas. Todavia, guardar mágoas, sobretudo dos progenitores, é estar aberto a doenças psíquicas e constantes revoltas, dificultando assim um desenvolvimento saudável da personalidade. Na acepção de Lukas,

⁶⁸ LUKAS, Elisabeth. *Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 49.

⁶⁹ LUKAS; EBERLE, 1993.

admira, pois, este aspecto, que pessoas psicicamente doentes sejam na maioria indivíduos inibidos, que ficaram presos, infantis, que não se libertaram da sua infância ou de fases anteriores da vida? Seu problema principal não é que têm tanto a perdoar, mas que não estão dispostos a perdoar ninguém.⁷⁰

Os adolescentes deverão encontrar na família seu porto seguro para a construção da afetividade. Neste sentido, ao falarmos de família não estamos referindo-nos apenas à família nuclear, patriarcal e burguesa ou mesmo à família cristã; estamos falando de família enquanto capacidade de convivência, de estar juntos e com possibilidade de comunicação de sentimentos e afetos.⁷¹ No entanto, em um mundo em que se prioriza o dinheiro, o consumismo e o poder, nem sempre os jovens e adolescentes estarão recebendo este suporte da família. Uma vez que determinados pais não estão priorizando a solidificação dos vínculos afetivos, muitas vezes vivendo como se a educação dos filhos não fosse importante para o seu futuro e da própria sociedade, como consequência assistiremos a uma corrida desenfreada em busca de prazer, vícios, consumismo, droga, sexo e poder que despersonaliza e massifica os jovens e adolescentes. Se os pais não forem capazes de acompanhar a vida dos filhos, ocupar-se e preocupar-se com eles, teremos jovens solitários, refugiando-se diante das telas do computador, criando uma realidade alternativa face ao encanto da internet e da tecnologia. Porém, dificilmente estes adolescentes terão a maturidade suficiente para construir uma família equilibrada com vínculos duradouros. Nesta perspectiva, vale a pena a chamada de atenção de Bretones:

Não podemos jogar nossos filhos no mundo apenas para que sejam úteis, temos de ajudá-los a crescerem como pessoas conscientes de que são únicos e irrepetíveis. Só vamos conseguir isso se compreendermos que não somos nós que os ensinamos, mas que são eles que aprendem de nós. Portanto, a nossa tarefa não é impor a nossa vontade, mas ajudá-los a retirar de si aquilo que cada um tem no seu interior. Eles vão reconhecer os valores pelos nossos exemplos. Se falarmos a eles com a verdade, eles vão confiar em nós, aprendendo a valorizar a verdade.⁷²

Se quisermos adolescentes psicologicamente saudáveis sem neuroses, vazio existencial e depressão, devemos lembrar que é na família que teremos a prevenção para as citadas situações de desajustes e perturbações. Todavia, uma

⁷⁰ LUKAS, 2006, p. 52.

⁷¹ STRECK, Valburga S. Famílias em transição: desafios para a sociedade e a Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, 2007. p. 25-42.

⁷² BRETONES, 1998, p. 181.

vez que detectamos nos adolescentes ou jovens problemas de ordem afetiva ou existencial, jamais deveremos isolá-los ou culpá-los, pois se os problemas foram oriundos da convivência familiar, deveremos encontrar no interior do próprio grupo familiar o sentido terapêutico como lenitivo em busca da cura para os adolescentes e demais membros da família.⁷³

2.4 O sentido da sexualidade e do amor

Os adolescentes vivem imersos em uma cultura neoliberal com marcas profundas de relacionamentos descartáveis, em que a maioria das pessoas estão preocupadas em fruir o máximo do que podem em momentos efêmeros e intensos de muito prazer. A sociedade hodierna caracteriza-se por buscas constantes de satisfações no que tange ao hedonismo do prazer sexual e consumismo. No entanto, Frankl já chamava atenção para o que ele denominou *existência provisória*, enquanto esteve nos campos de concentração.

Mas o homem que vive em função de um único dia invariavelmente vive sujeito à dominação de impulsos. Compreende-se assim haver ele desistido de, também no que respeita à vida amorosa, levar uma vida digna em dimensão mais ampla, construir uma vida amorosa humanamente sadia, limitando-se a usufruir o momento presente, de modo a que nenhuma satisfação sensível lhe escapasse. Não poucos casamentos, cedo desmantelados, tipificados como uniões matrimoniais de guerra, eram contraídos sob o domínio da idéia do efêmero. A vida sexual, para os respectivos parceiros, configurava-se como sendo o que não deveria ser: mero meio para um fim, o de fruição de prazer.⁷⁴

Os adolescentes são incitados precocemente ao prazer sexual, ao uso de drogas e ao materialismo via consumismo. A sociedade neoliberal precisa de pessoas alienadas, incapazes de realizar reflexão crítica para perpetuar-se conservando seu *status quo* no que tange à venda desenfreada de seus produtos de modo que o poder e o dinheiro se sobreponham à dignidade humana. Os adolescentes e jovens parecem ser presas fáceis deste jogo neoliberal em função de estarem vislumbrados com a possibilidade de prazeres que em fases anteriores não lhe despertavam maiores interesses. Contudo, a existência provisória, entendida como um viver intenso o dia de hoje sem pensar no amanhã, não deve ser uma constante na vida juvenil. O ser humano está ontologicamente acima dos seres

⁷³ GOMES, 1988, p. 119.

⁷⁴ FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 40-41.

irracionais em função de vislumbrar sempre uma teleologia para seus atos. O prazer em si mesmo, do ponto de vista das pulsões e fruição narcisista, não deverá ser o imperativo da vida humana, pois a sexualidade e as relações afetivas do ser humano reclamam por qualidade, quer dizer apontam para um Tu, alguém que também tem dignidade, valor e, assim, deverão estar configuradas como expressão de um verdadeiro amor, que se expresse como comunhão de vida.

Os adolescentes são constantemente bombardeados com a ilusória compreensão de felicidade, como se o prazer em si mesmo fosse equivalente à felicidade. Por isso, há a busca desenfreada por momentos intensos de prazer através de muitas atividades, como o consumo de álcool e demais drogas e a promiscuidade sexual. No entanto,

[...] a felicidade não é algo que se busque ou que se persiga. A felicidade deve ser uma resultante, um efeito colateral ou um subproduto da realização de sentido na vida. Não se visa a felicidade, pois ela, por si mesma, não acontece. De acordo com Frankl (1998), o que deve ser visado é uma tarefa, uma causa ou uma pessoa. Quanto mais alguém se esquece de querer ser feliz e se dedica a uma causa ou a outras pessoas, mais essa pessoa poderá ser feliz.⁷⁵

A experiência, sobretudo nas igrejas, vem revelando que os adolescentes, quando têm uma causa por que lutar, dedicam-se com toda a alma para atingir as finalidades que lhes são solicitadas. Neste sentido, acreditamos que a educação para a felicidade deverá passar pela educação do amor altruísta. É comum, nos grupos eclesiais, o empenho para angariar alimentos para as pessoas pobres, sobretudo no período natalino; o empenho em campanhas promovidas pelas igrejas para a arrecadação de roupas usadas a serem distribuídas para as famílias pobres; bem como a participação por parte dos adolescentes e jovens em mutirões ecológicos e para construção de casas para moradores de rua. Tais atitudes apontam para a realidade de que adolescentes e jovens de hoje também estão abertos à solidariedade. Talvez o que falte seja a iniciativa dos pais e das igrejas para uma visão do sentido da vida que passe pelo serviço e comunhão com as demais pessoas.

No que diz respeito concretamente à experiência do amor sexual, é interessante observar que os adolescentes, enquanto seres tridimensionais, ou seja,

⁷⁵ ROEHE, Marcelo V. Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *PSICO*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, set./dez. 2005. p. 314.

em sua unicidade de corpo, mente e espírito, também sentirão atrações corporais por seus parceiros. Todavia, ao tratar do sentido do amor verdadeiro, Frankl afirma:

O amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo de sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última do outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor, a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que faz com que estas potencialidades venham a se realizar.⁷⁶

Os adolescentes, quando optam por um relacionamento mais duradouro seja através de namoro, noivado ou até mesmo casamento, deverão ter em mente que deixar sua vida entrelaçar-se com a vida do outro não significa viver um amor possessivo de cobranças e ciúmes. Ninguém deverá criar amarras para o outro. Um relacionamento maduro e autêntico incluirá um olhar perspicaz para as potencialidades do outro. Isto concretamente significa captar os dons e carismas do outro. Isso implicará valorizar a pessoa de modo que ela possa continuar seus estudos e encaminhar-se para o mundo profissional, com vistas à sua plena realização. Uma certa vez, escutei de um jovem casal que o verdadeiro sentido do casamento não é buscar a própria felicidade, mas a felicidade do outro.

Contudo, mesmo apaixonados, os adolescentes terão condições de interpenetrar-se de forma que o espírito de um apreenda o espírito do outro, de modo que as emoções provenientes do contato físico, das carícias e do namoro em si só serão completas se o casal for capaz de transcender o mero prazer físico. Neste sentido, passamos a entender que,

quando ama, a pessoa humana, como ser tridimensional em sua totalidade física-psíquica-espiritual, pode apreender outra pessoa na mesma totalidade física-psíquica-espiritual, de certa maneira, de uma existência para outra existência. Mas ela pode também permanecer numa relação em duas ou mesmo em uma dimensão, e neste caso pode chegar a um contato físico e psíquico, mas não a realizar um ato coexistencial.⁷⁷

A citação confirma a necessidade de as comunidades religiosas, bem como a família, investirem na formação dos adolescentes para um amor verdadeiro. Nesta

⁷⁶ FRANKL, 2005, p. 100.

⁷⁷ LUKAS, Elisabeth. *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 124.

direção, lembraria o pensamento de Lukas, quando afirma que o verdadeiro sentido da vida humana é progredir para o amor; ao mesmo tempo, questiona a vida sem amor, qualificando-a como desprovida de sentido.⁷⁸ Em uma sociedade em que jovens são incitados ao exercício da sexualidade mecânica como mera satisfação de necessidades físicas, constatamos que muitos vivem uma sexualidade neurotizante. Na visão da autora supracitada, o neurótico sofre porque uma vez que pouco ou quase nada recebeu de amor verdadeiro e, por esta mesma razão, não sabe comunicar amor. E por mais que tente encontrar prazer nas sucessivas relações sexuais e constantes mudanças de parceiros, mais deverá encontrar-se em um vazio existencial.

2.5 A busca da transcendência na adolescência

Na visão de Frankl, a logoterapia mais do que ocupar-se com a dimensão noética ou espiritual do ser humano, deverá, por sua vez, liberar as potencialidades espirituais que muitas vezes são ignoradas ou mesmo reprimidas na sociedade.⁷⁹ A partir de Sigmund Freud, iniciamos uma corrida de opiniões divergentes no que tange à religiosidade. O pai da psicanálise considera enferma qualquer pessoa que venha a ocupar-se e preocupar-se com questões religiosas. O próprio Einstein chega a afirmar que, à medida que o ser humano se pergunta pelo sentido da existência, já está sendo religioso. Na mesma direção, Maslow chega a afirmar que patológica seria a personalidade que manifestasse indiferentismo face às buscas religiosas.⁸⁰

Contrastando com o pensamento de Freud ao escrever *O futuro de uma ilusão* para postular que a religião é a neurose obsessiva e universal da humanidade, podemos entender o pensamento que valoriza sobremaneira a fé e a prática da crença como busca do sentido último da existência:

Crer é mais do que “construir ilusões”, é mais do que ter “fé cega em Deus”, é mais do que simplesmente “nada saber”; – tudo isso não basta. Crer significa, ao contrário, “estar em paz consigo próprio”, significa muitas vezes

⁷⁸ LUKAS, 2006, p. 28-30.

⁷⁹ FRANKL, Viktor E. *El hombre doliente: fundamentos antropológicos da Logoterapia*. Barcelona: Herder, 1987. p. 211.

⁸⁰ FABRY, 1984, p. 183.

“unir corpo e espírito”, significa simplesmente saber o seguinte: – tudo tem seu sentido.⁸¹

Gomes salienta que muitas funções antes desempenhadas pelos sacerdotes e pastores, no que diz respeito às questões de ordem espiritual, foram transferidas para os psicólogos e psiquiatras, de modo que os médicos passaram a cuidar não apenas da dimensão somática do ser humano, mas também de sua parte espiritual.

Segundo Kierkegaard, “os sacerdotes deixaram de ser curas de almas, e os médicos começaram a reservar para si esta nova função”. Assim, muito embora os médicos não estejam buscando acumular funções, é necessário admitir que os pacientes procuram e a situação induz à realização das chamadas “curas médicas das almas”.⁸²

Em parte, diríamos que isso se deu em função da ditadura do positivismo como condição exclusiva de supervalorização da realidade objetiva e também em função da análise rasteira que Sigmund Freud realiza do aspecto religioso no humano, vendo nela apenas uma alienação e fonte de repressão e enfermidade psicossomática. O meio acadêmico passou a minimizar o valor da religião e de seus ministros; possivelmente, os próprios líderes religiosos tenham se rendido a esta racionalização e tecnicismo do sagrado. Todavia, Freud mesmo, embora tenha sido genial em outras esferas de análise da personalidade humana, não conseguiu mergulhar na profundidade de uma experiência mística. Em outras palavras, a religião não pode ser vista apenas como entrave ao desenvolvimento, pois há muitos líderes religiosos, pessoas comuns e místicos, que viveram e vivem de uma forma sadia e plena consigo mesmos, com a sociedade e com Deus.

Vemos o povo brasileiro, que sofre muitas coisas, mas sempre crê que tudo vai melhorar. E nessa crença, vão superando muitos obstáculos, alegando que tudo isso é “força de Deus, de Nossa Senhora, de Padim Ciço”, entre outros. Elas encontram o sentido para a vida, e de maneira muito saudável, e isso é possível. Religião não é simplesmente o depósito das nossas patologias, como dizia Freud, ou o ópio do povo, como disse Marx. Infelizmente, há os charlatões e as igrejas financeiras que alienam e mantêm as doenças nas pessoas.⁸³

⁸¹ LUKAS; EBERLE, 1993.

⁸² GOMES, 1992, p. 46.

⁸³ ANJOS, Ricardo B.; BALTAZAR, José A. As alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa. *Terra e cultura*, Londrina, ano XX, n. 39, 2004. p. 123.

Com vistas à conclusão deste exórdio sobre a busca de transcendência no ser humano, é digna de nota a explicação que o próprio Frankl faz do que ele nomeia de religiosidade inconsciente do ser humano, quando chama a atenção para o fato de que a natureza humana não é exclusivamente racional.⁸⁴ Assim como Freud descobriu uma zona obscura do psiquismo humano, agregando a ela as pulsões reprimidas do desejo, na mesma direção Frankl também acredita que o ser humano tem uma inclinação inconsciente para relacionar-se com Deus. No entanto, a vivência ou pertença a uma religião em particular não é algo impulsivo ou irracional. É, antes, uma atitude corajosa e responsável em busca de preencher o vazio existencial oriundo da falta de sentido da vida.⁸⁵ E o mais importante é que não apenas as repressões sexuais produzem neuroses, mas também a repressão da religiosidade torna-se responsável na produção de sujeitos neuróticos e espiritualmente enfermos.

A resistência do homem contemporâneo em abrir os olhos à realidade que transcende a nossa dimensão humana pode vir a provocar sentimentos de vazio, angústia e culpa. Para contrabalançar estes perigos de vazio existencial, a Logoterapia de maneira alguma “prescreve” religião: simplesmente assinala o fato de que a religião, em qualquer de suas formas – não pode ser descartada como um dos múltiplos meios pelos quais a humanidade conseguiu, e ainda pode conseguir, encontrar sentido.⁸⁶

Em consonância com a visão de Xausa, Frankl tem clareza quantos aos fins da Logoterapia e da Religião.⁸⁷ A primeira tem uma abrangência mais ampla no sentido de destinar-se aos crentes e não crentes; a religião ocupa-se com a salvação das almas. No entanto, não há necessidade de haver oposição entre ambas, podendo até mesmo haver complementação, posto que muitas vezes a religião reprimida poderá trazer sofrimento e neuroses às pessoas, bem como a Logoterapia poderá, por sua vez, auxiliar as pessoas para que liberem seu potencial religioso oculto e reprimido pela cultura a fim de que o sentido de sua existência possa emergir também pela religião.

Feitas estas colocações preliminares a respeito da repressão cultural da religiosidade que se tornara reprimida e oculta e Deus como uma presença

⁸⁴ FRANKL, 2009, p. 57-64.

⁸⁵ COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MANFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.

⁸⁶ FABRY, 1984, p. 216.

⁸⁷ XAUSA, Isar A. M. Psicologia, logoterapia e religião. *Cultura e fé*, Porto Alegre, v. 32, 1986b. p. 48.

ignorada, passaremos a discorrer sobre a busca do sentido da vida por meio da religiosidade a partir das experiências dos adolescentes.

João Paulo II, em discurso aos jovens em Caracas, postula que a abertura a Deus e a relação com ele não deve ser um acréscimo à natureza humana; pelo contrário, deve ser entendida como a primeira dimensão da identidade humana.⁸⁸ Também em discurso aos jovens de Bogotá, no ano de 1986, João Paulo II se preocupa em advertir os jovens contra os ídolos presentes no mundo atual, quais sejam: as riquezas, os prazeres, a ciência, a tecnologia, a fama, o prestígio ou mesmo as utopias políticas.⁸⁹ O sumo pontífice lembrava ainda que somente Deus poderia saciar os corações dos jovens, e fora dele nada seria digno de adoração, porque nada é absoluto senão o próprio Deus.

Erich Fromm faz uma alusão ao fato de que na sociedade contemporânea existem modalidades de existência que podem estar atreladas ao ter ou ao ser.⁹⁰ E hoje diríamos que os jovens e adolescentes em parte estão aprisionados ao sistema neoliberal, manifestando uma grande avidez em consumir. Muitos pensam que só valem o que possuem ou o quanto conseguem consumir. Contudo, os jovens e adolescentes deverão estar abertos para uma outra modalidade da existência que implica buscar os valores da solidariedade, o amor, a liberdade. Isso significa que o sentido da existência não pode estar fora do ser humano, mas dentro dele próprio, aproveitando as potencialidades humanas e colocando-as a serviço dos outros.

Embora haja muitos jovens que vagueiam distantes das religiões, podemos constatar que hoje são muitos os que se agrupam em retiros espirituais e em reuniões periódicas, manifestando uma grande alegria na pertença a uma comunidade de fé. Eventos religiosos conseguem atrair multidões de jovens e adolescentes no mundo inteiro. Exemplo disso são os encontros mundiais que a Igreja Católica realiza a cada dois anos em países distintos, com a presença do Papa para dirigir-lhes uma palavra. Ainda que se pense que a Igreja tem uma mensagem dura e moralmente severa para os jovens e adolescentes, a busca pela palavra de Deus e os ensinamentos da Igreja permanecem constantes. Apesar das

⁸⁸ JOÃO PAULO II *apud* GRASSO, Emílio. *La vida es la realización de um sueño de juventud*. 2. ed. Asunción: Ediciones y Artes, 2008. p. 24.

⁸⁹ JOÃO PAULO II *apud* GRASSO, 2008, p. 25.

⁹⁰ FROMM, Erich. *Del tener al ser*. Barcelona: Paidós, 2007.

ilusões dos ídolos e dos prazeres da vida, os adolescentes vão aos poucos entendendo que

[...] nós humanos, e somente nós, somos seres em busca de um sentido. Mas só encontramos um sentido mais profundo da vida, ao abrirmos nossa vida a uma dimensão profunda, se em toda a nossa vida e experiência, em tudo o que fazemos e realizamos em primeira e última instância nos entregarmos a algo cuja fonte não somos nós mesmos. Só encontraremos um sentido que a tudo supera e abarca na vida se em meio a todo o trabalho, em meio a todas as experiências, com boas razões, colocarmos confiança nessa realidade oculta: uma confiança absolutamente racional naquele fundamento primeiro e último de todo sentido, capaz de nos sustentar, de nos impregnar, de nos conduzir e que chamamos pelo tão abusado e vilipendiado nome de Deus.⁹¹

O atual Papa, Bento XVI, quando esteve no Brasil, em maio de 2007, reuniu-se com os jovens e lhes dirigiu uma mensagem a partir da Parábola do Jovem Rico, a qual aponta para a reflexão a respeito do sentido da vida, mais precisamente a vida eterna. No entanto, o Sumo Pontífice corrige o entendimento de que a vida eterna em Cristo deve ser alienação da vida presente: antes deve configurar-se como um compromisso com a vida atual, posto que a vida em Deus marca profundamente a vida dos jovens e adolescentes ao ponto de eles terem um novo direcionamento, novas metas e atitudes. Em outras palavras, os que assim agem passam a dar sentido à própria existência.

Tendes uma pergunta crucial, referida no Evangelho, a Lhe fazer. É a mesma do jovem que veio correndo ao encontro com Jesus: o que fazer para alcançar a vida eterna? Gostaria de aprofundar convosco esta pergunta. Trata-se da vida. A vida que, em vós, é exuberante e bela. O que fazer dela? Como vivê-la plenamente? [...] A pergunta do Evangelho não contempla apenas o futuro. Não trata apenas de uma questão sobre o que acontecerá após a morte. Há, ao contrário, um compromisso com o presente, aqui e agora, que deve garantir autenticidade e conseqüentemente o futuro. Numa palavra, a pergunta questiona o sentido da vida. Pode por isso ser formulada assim: que devo fazer para que minha vida tenha sentido?⁹²

Frankl defende a ideia de que a religião é fator de elevada importância na caminhada em busca de sentido e, por esta razão, a pessoa irreligiosa ou que não se abriu a um TU, como instância que transcende a si próprio e à experiência, seria alguém estagnada ao longo do caminho, sendo incapaz de perguntar-se e sair em

⁹¹ KÜNG *apud* LUKAS, 2006, p. 21.

⁹² BENTO XVI. *Mensagem do Papa aos jovens no Estádio do Pacaembu*. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/noticia.php?id=230492>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

busca de respostas que estejam além de sua própria consciência.⁹³ A partir desta percepção, torna-se relevante incentivar no interior das comunidades eclesiais o exercício da espiritualidade de modo que os adolescentes e jovens não estacionem nesta caminhada em busca de uma personalidade plena. A vida de oração, oficinas que priorizem o contato com a voz da consciência e capacitação para uma vida de oração profunda e autêntica devem ser estar na programação das comunidades religiosas, a fim de que estes objetivos possam ser alcançados.

⁹³ FRANKL, 2009.

3 A BUSCA DE SENTIDO E ESCOLHA DA PROFISSÃO

A busca de sentido para a existência humana inclui, como vimos até agora, a construção do autoconceito ou identidade, a elaboração de vínculos afetivos com a família, com os amigos, o estabelecimento do namoro, bem como a abertura ao transcendente. Seria incompleta a viagem do ser humano em busca de sentido se não acrescentássemos a procura por estabelecer o lugar na vida por meio da escolha profissional e realização no mundo do trabalho, haja vista que a pessoa humana, criada à imagem e semelhança do seu criador, sentirá sempre a necessidade de produzir, construir sentido através do seu trabalho, de suas artes e ocupações.

3.1 Trabalho e sentido na Logoterapia

Lukas, no quinto capítulo de seu livro *Assistência logoterapêutica*, dedica especial atenção às temáticas do amor e do trabalho.⁹⁴ Todavia, antes de discutir tais assuntos, faz uma alusão aos dois grandes autores que, segundo ela, apresentaram uma teoria completa sobre o ser humano. No caso, ela se refere a Sigmund Freud e Viktor Frankl. Muito embora valorize a teoria freudiana sobre a personalidade humana, Lukas enaltece a superioridade da antropologia frankliana, como veremos. A autora compara a teoria psicanalítica sobre o ser humano a uma mônada e, segundo ela, a Logoterapia apresenta uma antropologia que aponta para a autotranscedência do ser humano. Dizendo de forma mais explícita, em Freud a realização está no próprio ser humano, posto que a felicidade seria o prazer obtido nos próprios impulsos ou pulsões. A homeostase, o equilíbrio interno, seria a medida da satisfação. Já para Frankl, o ser humano é um ser de abertura. Na visão da psicanálise freudiana,

[...] o “trabalho” seria definido como “trabalho bom” se for bom para mim, ou seja se não for monótono, não for estressante demais, se não me fizer exigências em excesso, se me trouxer suficiente ganho e reconhecimento e me permitir um certo espaço livre.⁹⁵

⁹⁴ LUKAS, 1992, p. 134-145.

⁹⁵ LUKAS, 1992, p. 135-136.

Esta perspectiva de trabalho postulada pela psicanálise está orientada para a busca da própria felicidade humana e, portanto, não admite a abnegação e o sacrifício em prol dos outros seres humanos. Contudo, Viktor Frankl defende que o trabalho deverá trazer sentido ao ser humano e, portanto, o que importa não é o prazer ou satisfação imediata, haja vista que determinados sacrifícios deixarão frutos a serem colhidos em tempos ulteriores oportunos. Nesta perspectiva logoterapêutica de Viktor Frankl,

[...] o “trabalho bom” é idêntico ao “trabalho que tem sentido! e, por sua vez, o “trabalho que tem sentido” significa um trabalho que cria algo que tem sentido no mundo, ou que modifica algo que existe no mundo para melhor, em resumo, que leva uma obra positiva à sua conclusão.⁹⁶

Os jovens e adolescentes ainda não possuem uma ideia clara do que estão buscando, do sentido das suas vidas, porque ainda estão no início ou em etapas iniciais deste processo; e diríamos que, no campo profissional, na escolha do trabalho que dignifique sua vida e o próprio mundo, também as coisas não chegam a ser tão diferentes. No entanto, é na juventude que as pessoas passam a ter muitas oportunidades de relacionamentos, conquistas e, sobretudo, a possibilidade de construir a própria personalidade e a pessoa que desejará ser posteriormente. Todavia, o querer ser alguém, escolher uma profissão, implica também poder optar pelas riquezas, pelo ter, em detrimento de outras alternativas que possam valorizar a autotranscendência humana. Neste sentido, devemos cuidar para que os jovens e adolescentes não sejam capturados pelas armadilhas dos prazeres, do materialismo e do consumismo. Tal captura implicaria, em muitos casos, situações de perda de sentido, configurada em uma vida desenfreada, e, em muitas situações, problemas sérios de crises existenciais, como as neuroses noéticas ou mesmo o vazio existencial, que poderão, em última instância, desembocar no suicídio. Por isso, é importante que as escolhas dos adolescentes e jovens contemplem duas virtudes essenciais à vida humana, quais sejam: a coragem e a paciência. Coragem em arriscar e lutar por objetivos elevados; e paciência para aguardar a alternativa que valha a pena ser escolhida. Inexistindo tais virtudes, os adolescentes e jovens correrão o risco de se deixar dominar pela ideologia neoliberal que privilegia o acúmulo de riquezas. Porém,

⁹⁶ LUKAS, 1992, p. 137.

[...] o ser humano, dispondo de símbolos de poder, tais como dinheiro, influência e prestígio, tem o dever de utilizar estes empréstimos mundanos para ajudar a dirigir positivamente o destino do mundo, o que significa não apenas dar atenção a muitos pedidos de socorros não atendidos, mas, de maneira bem mais geral, permitir ao espírito humano dar testemunho de sua existência.⁹⁷

A passagem anterior aponta para o entendimento de que mesmo na opulência ou no acúmulo de bens, os jovens e adolescentes poderão fazer o exercício de uma liberdade interior, sem escravizar-se na alienação das coisas e bens terrenos, posto que há muitos que precisam de nós. Há pessoas que, com pouco dinheiro ou posses, conseguem dar sentido à existência. Em outras palavras, a escolha do trabalho ou da profissão entre os jovens não deverá estar vinculada ou mesmo condicionada a questões exclusivamente salariais, pois o que realmente importa na vida humana é a abertura, a destinação dos atos a favor das pessoas. Neste sentido, o trabalho só adquire sentido se for dirigido ao mundo externo para conferir-lhe sentido e plenitude.

Uma dimensão que merece destaque quando discorremos sobre o trabalho é aquela que o encara como realização de valores criativos, pois o significado para a vida humana poderá ser buscado e encontrado quando nos dirigimos a pessoas, quando enfrentamos o sofrimento e no desempenho de atividades, através de um trabalho criativo e transformador do cosmos.⁹⁸

Valores de criação são frutos da capacidade humana de criar coisas novas, situações novas, decorrentes de suas atividades concretas e transformadoras do mundo [...] A capacidade criativa do homem faz com que ele seja insubstituível no mundo, uma vez que ninguém consegue repetir a criação do outro. O mundo é marcado pelas singularidades: uma tarefa, uma obra de arte, a vida ou uma história não podem ser repetidas nunca.⁹⁹

Para Viktor Frankl, à medida que as pessoas vão cumprindo suas tarefas diárias, evitando a ociosidade e conferindo sentido em cada situação particular, a felicidade vai sendo perseguida. Não ter tarefas a cumprir e viver sem trabalho seria um desafio à busca de sentido.¹⁰⁰ Neste sentido, uma missão da Logoterapia em relação aos jovens e adolescentes seria aquela de motivá-los à capacidade de amar

⁹⁷ LUKAS, 1990, p. 24.

⁹⁸ FRANKL, 2009.

⁹⁹ GOMES, 1988, p. 54.

¹⁰⁰ SILVEIRA, Daniel Rocha; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out./dez. 2008.

o trabalho e destinação dele para a construção do bem comum das outras pessoas e da sociedade.

O trabalho [...] seja profissional ou particular [...] possui quase sempre uma relação com a comunidade. Embora também possa haver trabalho que pouco aproveita à comunidade, como trabalhar na própria horta, que, não obstante, possui valor criativo. Vice-versa, também nem toda contribuição à comunidade é prestada através de trabalho criativo. Assim, por exemplo, o modelo de uma pessoa pode servir à comunidade, incitando outras pessoas a imitá-la.¹⁰¹

Os adolescentes mesmo em estágio avançado na construção de seu autoconceito ou identidade ainda necessitarão de pessoas na comunidade que lhes sirvam de exemplo. Como será importante a eles poder conviver com pais, leigos, sacerdotes e religiosos como um todo, que testemunhem com a própria vida a abnegação, o esforço desmedido em poder servir desinteressadamente à comunidade. Tais atitudes arrastarão os jovens e adolescentes para a escolha madura de ocupações, tarefas e exercício profissional que coloquem a vida humana acima de quaisquer outras prioridades.

Assim como há trabalhos e profissões que se ocupam em servir à comunidade, também existem pessoas que estão preocupadas, em primeiro lugar, com sucesso e com a glória pessoal. A partir do filme *O repórter do diabo*, Lukas faz uma alusão a um acontecimento real, no qual um operário fica soterrado em uma construção em que trabalha. Quando os técnicos são chamados para fazer a avaliação sobre a melhor forma de tentar salvar aquele homem, foram colocadas duas possíveis soluções: uma que seria mais rápida, trataria de fazer uma perfuração e logo resgataria a pessoa; outra possibilidade seria a escavação de um túnel.¹⁰² Um famoso repórter lutou sobremaneira para que a segunda possibilidade fosse aceita com vistas a ter o tempo suficiente para que ele pudesse fazer uma bela matéria que envolvesse e empolgasse os leitores assíduos de seus escritos que aguardavam o resgate do soterrado. Em síntese, o que aconteceu foi o seguinte: o repórter conseguiu o seu intento, mas quando chegaram ao corpo, só havia um cadáver: o homem estava morto.

Essa história nos mostra, na figura do repórter, uma pessoa que realiza um excelente trabalho, o qual, conseqüentemente, é coroado de sucesso. Ele

¹⁰¹ LUKAS, 1992, p. 144.

¹⁰² LUKAS, 1992, p. 139.

escreve reportagens emocionantes e com isso ganha lucro e publicidade. Todos concordarão, porém, que, no presente caso, ele foi longe demais, pois a vida de uma pessoa estava em jogo, o que deveria ter tido precedência diante de qualquer reportagem, por melhor que fosse.¹⁰³

Pelo anteriormente exposto, lembramos que a corrente logoterapêutica não privilegia o trabalho apenas como realização humana ou satisfação de necessidades. Ele entender que a pessoa é sempre autotranscendente e não uma mônada fechada nos próprios prazeres. Dizer que as pessoas são autotranscendentes é vislumbrar a possibilidade de poder integrar às suas motivações a figuração do mundo exterior de forma objetiva, é estar preparada e treinada para buscar e encontrar sentido em trabalhos e profissões que possam ajudar os semelhantes. Até podemos encontrar prazer, se o prazer não tiver um fim em si mesmo, mas se estiver direcionado a uma tarefa ou a pessoas específicas. Por isso, vamos encontrar pessoas que, mesmo já aposentadas, após longos anos de intenso trabalho, já tendo cumprido sua missão com a sociedade, a família e o país, oferecem-se como voluntárias para trabalhar em Igrejas e obras filantrópicas. Isso revela um espírito elevado, uma autotranscendência, posto que o importante agora não é mais o dinheiro ou a realização de si, mas a capacidade de exercer a generosidade, a gratuidade em favor dos semelhantes. Até mesmo uma mãe poderá cobrar dos filhos seriedade nos estudos e empenho em suas tarefas. Porém, uma coisa é lutar abnegadamente para que seus filhos se deem bem na vida e outra é priorizar o sucesso dos filhos para camuflar o medo de passar vergonha, com a sua reprovação escolar. Da mesma forma, poderão ocorrer correções ou mesmo punições por parte dos pais que verdadeiramente expressem o desejo de ver seus filhos crescendo, evoluindo nas virtudes humanas, mas também existem pais que não deixam transparecer para seus filhos o verdadeiro amor com que os corrige, deixando, ao contrário, claro ou inconscientemente que não os amam e, por esta razão, castiga-os e os reprime.

Lukas adverte-nos a respeito de dois fenômenos já observados por Viktor Frankl, quais sejam, a neurose do desemprego e a doença do executivo.¹⁰⁴ No primeiro caso, vamos encontrar pessoas aparentemente fracassadas e infelizes porque não conseguem encontrar emprego e, curiosamente, quando encontram oportunidades, logo se estressam com o trabalho e este passa a ser também motivo

¹⁰³ LUKAS, 1992, p. 140.

¹⁰⁴ LUKAS, 1992, p. 148-150.

de infelicidade. É comum que estas pessoas neuróticas rapidamente demonstrem seus desequilíbrios emocionais, gerando conflitos no ambiente de trabalho e desembocando, quase sempre, em desemprego. Já a doença do executivo corresponde à condição das pessoas que colocam em primeiro lugar na sua vida o próprio trabalho. São pessoas que não conseguem se desligar da empresa e das tarefas e, em consequência, vivem estressadas, com uma qualidade de vida baixíssima. Neste sentido, estas pessoas pensam ter a resposta para todos os problemas da corporação, de modo que não se alimentam bem, não conseguem relacionar-se com a família, não têm vida social e não privilegiam o lazer.

Böckmann defende que o trabalho humano deverá se configurar como um fenômeno criativo e social.¹⁰⁵ Criativo e social à proporção que deixa resultados originais para o serviço da própria humanidade. Neste sentido, situam-se os grandes intelectuais, pensadores e até psicólogos que foram capazes de construir modelos explicativos sobre o próprio ser humano e suas aplicações para aliviar seus sofrimentos. Também não podemos esquecer as grandes descobertas tecnológicas à disposição da medicina e das comunicações para tornar a vida em sociedade mais humana e confortável.

Quando trabalhamos exclusivamente para sobreviver, comportamo-nos pura e simplesmente como insetos [...] Todos eles se comportam em função exata de tarefas predeterminadas a partir de diferentes ovos de que saíram: obreiros, zangões, rainha, guerreiros. O trabalho e a divisão do trabalho animal, desde milhões de anos, conservam inalteradamente as mesmas aparências.¹⁰⁶

O autor faz referência à alienação que o trabalho no modelo capitalista traz à pessoa humana. Digo alienação em primeiro lugar porque a pessoa termina trabalhando excessivamente e não consegue receber um justo salário como retribuição à sua laboriosidade, sendo que as corporações e seus chefes detêm o capital e a apropriação do resultado do trabalho das pessoas. Em segundo lugar, em uma sociedade capitalista, e hoje diríamos neoliberal, a maioria das vezes, as pessoas, os operários, ainda são vítimas da alienação em virtude de realizarem tarefas enfadonhas e monótonas, nas quais inexistem a capacidade de exercício de criatividade e engenhosidade humanas, devido à repetição contínua de

¹⁰⁵ BÖCKMANN, Walter. Sentido na economia e na sociedade. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 75-78.

¹⁰⁶ BÖCKMANN, 1990, p. 77.

determinadas tarefas. Este fato não resulta da impossibilidade de as pessoas conseguirem sentido para determinadas operações inerentes ao exercício profissional. Todavia, desde um ponto de vista sistêmico, as empresas e indústrias não estão preocupadas com os indivíduos, mas apenas com o lucro resultante de sua práxis. Porém, em qualquer situação somos interpelados a entender que

[...] não é uma determinada profissão que faz com que uma pessoa se torne feliz, mas a forma de exercê-la. O que interessa não é o que se faz, mas como se faz, porque uma profissão em si não faz com que uma pessoa seja insubstituível, mas o que faz uma pessoa ser única no mundo é a forma como ela se dedica a determinadas coisas.¹⁰⁷

A Logoterapia, pelo anteriormente exposto, poderá ser uma ferramenta às famílias, escolas e igrejas, no sentido de fornecer subsídios teórico-metodológicos para auxiliar os jovens e adolescentes na escolha e motivação profissional. Isso implica educar esta parcela da população para o cumprimento de tarefas e trabalhos nobres, repletos de objetivos. E por mais que eles não encontrem aparente sentido em atividades consideradas pouco prazerosas ou indignas, em um mundo neoliberal em que poucas são as opções de emprego. Mesmo em trabalhos alternativos ou em atividades consideradas cansativas, como a construção civil ou ainda a agricultura e a pecuária, as pessoas poderão dar sentido e receber reconhecimento por seu esforço. Assim, um jovem jardineiro, ao apresentar suas mãos calejadas dos espinhos que as oprimem, poderá vislumbrar-se com a beleza da rosa que abre em um novo amanhecer.

3.2 O processo de orientação vocacional e profissional

Uma questão que se põe, no que tange à educação dos adolescentes e jovens para a escolha da profissão, é até que ponto esta parcela da população brasileira está realmente recebendo uma adequada preparação para esta finalidade. Na realidade, parece haver poucas pessoas preparadas para alavancar a orientação vocacional ou profissional. Contudo, torna-se útil acompanhar a opinião de um psicólogo a respeito da orientação vocacional ou profissional, sobretudo quando ele fala a respeito do momento em que devemos iniciar o processo de orientação dos adolescentes e jovens, conforme texto que segue:

¹⁰⁷ GOMES, 1988, p. 54.

Quanto mais cedo encontrar o curso mais adequado, menor será a ansiedade e mais motivado o sujeito ficará e isto aumentará o rendimento no vestibular. No entanto, acredito que o melhor seria uma orientação vocacional e que, dentro desta orientação, o profissional tenha como ferramenta o uso de testes vocacionais como elemento auxiliar, mas que não se restrinja apenas a isto. Os testes vocacionais são pouco usados hoje em dia. Eles podem ajudar a conhecer suas habilidades e gostos. No entanto, você não é obrigado a definir uma profissão só porque o teste indicou. Os questionários são padronizados, e as pessoas, não.¹⁰⁸

A passagem revela o quanto se torna relevante para a trajetória profissional dos adolescentes o início do processo de orientação o mais rápido possível, pois se deixarmos a orientação vocacional ou profissional apenas para o último ano do Ensino Médio, perceberemos que os adolescentes e jovens estarão cada vez mais confusos e ansiosos. O psicólogo entrevistado também defendeu a utilização de testes vocacionais não com um rigor psicométrico, mas para estabelecer caminhos e possibilidades aos interessados, pois eles poderão revelar tendências, aptidões e inclinações. Porém, a última palavra em matéria de escolha deverá ser do próprio sujeito e não a decisão de outrem como os pais, o orientador, a escola ou a igreja a que a pessoa pertença.

Ao tratarmos das questões relacionadas à orientação profissional ou vocacional, não deveremos esquecer em absoluto que tais questões envolvem necessariamente um tratamento de gênero. Com este termo, queremos discorrer sobre os múltiplos condicionamentos de ordem psicocultural e social nos quais o sujeito se insere e se constrói do ponto de vista da masculinidade e feminilidade. Em outras palavras, devemos entender que os adultos, a cultura e sociedade criam expectativas em relação aos jovens e adolescentes e tais expectativas incluem também o campo profissional. Com isso, estamos afirmando que a visão que a sociedade tem de homens e mulheres influenciará sobremaneira a escolha da profissão, pois há determinadas carreiras que já foram consagradas a determinados gêneros, como por exemplo, a figura do piloto de avião, do médico e da professora primária. Embora seja verdade também que a história dos movimentos feministas, o surgimento dos estudos de gênero e as lutas de mulheres e homossexuais por seus direitos e cidadania tenham ajudado a mudar este quadro, ainda permanecem no imaginário e no inconsciente coletivo da sociedade determinados estereótipos

¹⁰⁸ AGUIAR, Reginaldo C. *Psicólogo analisa a orientação vocacional*. Disponível em: <<http://www.agitoribeirao.com.br/materias/psicologo-analisa-a-orientacao-vocacional/3>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

sexistas, que seguramente concorrerão para que adolescentes e jovens realizem suas escolhas profissionais. Assim, uma orientação profissional levará em conta:

O que domina o projeto profissional de rapazes e moças? Há diferenças derivadas das construções sociais de gênero? Ou estas se encontram cada vez mais assemelhadas por causa das totalizações dos discursos contemporâneos, como consequência das ações midiáticas? Destrinchar as complexas tramas que envolvem a escolha é responsabilidade da Orientação Profissional, entrecruzando as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, psicológicas, bem como as de gênero.¹⁰⁹

São poucas as escolas e igrejas que apresentam uma estruturação sistemática ou formal do acompanhamento dos jovens e adolescentes referentes a essas questões. Entendemos que seja preciso na escola a construção de espaços para reflexão e organização de atividades que venham a suprir esta lacuna. No caso específico das escolas, tornar-se-ia interessante sistematizar a orientação vocacional a partir de etapas bem definidas, respeitando as faixas etárias e o nível de curiosidades das pessoas. No caso concreto do ambiente eclesial, postulamos que durante o período do catecumenato crismal, a equipe de monitores ou de conferencistas deverá incluir na programação de conteúdos não apenas palestras, mas também atividades, testemunhos e oficinas que sejam capazes de sensibilizar, motivar e instruir os adolescentes e jovens quanto ao preenchimento de sentido futuro no que concerne à escolha madura e acertada da própria profissão e seus efeitos para a construção de uma vida social fraterna e humanitária. Também acredito que as religiões são importantes à medida que diferenciam profissão de vocação.

A profissão é a tarefa pública que precisa ser professada, mas por outro lado aponta para a realização mais íntima do ser humano. Por isso mesmo, as pessoas passam a ser reconhecidas pela tarefa que desempenham. Assim, João é o médico, José é o padeiro e Antônio é o carteiro, por exemplo. Desta forma, dizemos que a profissão incorpora-se à imanência do ser, de modo que pessoa e profissão fazem parte de uma só personalidade. E isso pode ser testificado facilmente pelas identificações feitas pelas pessoas no convívio social. No que diz respeito à vocação, o componente espiritual ou religioso afirma que Deus chama as pessoas para servir as demais; e isso significa que na vida cristã a realização ocorre à

¹⁰⁹ GRAF, Laila P.; DIOGO, Maria F. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. *Rev. Bras. Orientac. Prof.*, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2009.

medida que aprendemos a nos colocar na dimensão de cuidar uns dos outros. Vocação e profissão se ajustam à proporção em que nos vinculamos afetivamente ao que fazemos e conseguimos cuidar de nós mesmos e das pessoas, sem que isso represente um fardo. Assim, profissional realizado é o que atende bem sem olhar para salário e para o relógio, pois os que se atrelam unicamente ao tempo e ao dinheiro são pessoas que dão pouco de si e quase sempre estarão resmungando e insatisfeitas com aquilo que fazem. Não precisamos ser escravos do trabalho, pois assim viveríamos estressados e patologicamente comprometidos.

3.3 A difícil arte de escolher a profissão para jovens e adolescentes

No que concerne à escolha profissional especificamente na adolescência, Zavareze acredita que a escolha profissional inicia-se mesmo antes do nascimento das pessoas, em função das expectativas que os pais fazem a respeito da profissão futura dos filhos.¹¹⁰ Ao longo da infância, começam as primeiras identificações ocupacionais ou profissionais a partir da profissão dos pais e amigos – ou pessoas adultas que desempenham papéis importantes na sociedade. Porém, será realmente na adolescência que o indivíduo, além de recapitular as identificações pretéritas, haverá de preparar e até mesmo tecer as perspectivas profissionais para seu futuro. Assim, surgem questões profundas que precisam ser respondidas inicialmente na adolescência e também por toda a vida, quais sejam:

Haverá lugar para mim? Como posso sobreviver neste novo mundo do trabalho? O modelo de escolha baseado na definição pessoal, gostos e nos valores em primeiro lugar, parece ficar pouco relevante diante das novas questões trazidas pelo capitalismo avançado. Já nas entrevistas de triagem realizadas com jovens [...] há exemplos de pessoas próximas, às vezes os próprios pais, que estudaram, dedicaram-se à profissão, que tudo levava a crer que teriam uma trajetória de sucesso e hoje estão desempregados ou fazendo “bicos”. Isso gera uma grande incerteza quanto à escolha e ao futuro.¹¹¹

Realmente, o caminho da escolha profissional para os jovens e adolescentes não é tão pacífico como se pensa. Enquanto as igrejas cristãs palmilham, em seus discursos, nos terrenos dos valores, da abnegação e do serviço, a sociedade

¹¹⁰ ZAVAREZE, Tais E. *O papel da orientação profissional na escolha profissional dos adolescentes*. Disponível em: <www.psicologia.com.pt> Acesso em: 14 jan. 2011.

¹¹¹ LEHMAN, Yvette P.; UVALDO, Maria C. C.; SILVA, Fabiano F. O jovem e o mundo do trabalho: consultas terapêuticas e orientação profissional. *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 12, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2011.

neoliberal tenta inculcar a ideologia do sucesso e da conquista, que passa necessariamente pela concorrência desmedida pelo primeiro lugar na direção do acúmulo de bens materiais e aquisição de poder e opulência. Em contrapartida, como indicou a citação anterior, nem sempre os pais, pela própria experiência de fracasso, conseguirão ser uma referência para estes jovens e adolescentes. Em síntese, esta ênfase na profissionalização que privilegia apenas o econômico poderá colocar na vida social profissionais especializados em cuidar de outros seres humanos, muitas vezes, em condições precárias, porque exercerão tais profissões em caráter de mediocridade, em virtude de não colocarem em primeiro lugar a assistência e o cuidado das pessoas, já que o ter está sobreposto ao ser.

Neste momento, ainda se torna importante elucidar o papel da família no processo de auxiliar ou dificultar a escolha profissional dos jovens e adolescentes. Desta forma, veremos que um dos impasses vividos por esta parcela da população é justamente a imposição por parte dos pais em relação à futura profissão a ser assumida por eles. Nestes termos,

[...] a “necessidade” (Lucchiari, 1993) da escolha não afeta apenas o jovem. O grupo familiar também é direta ou indiretamente afetado, pois alguns pais buscam realizar-se por meio dos filhos (Boholasvsky, 1987) e outros sofrem com o desgaste vivenciado pelo filho que tem dificuldade para decidir.¹¹²

O pensamento anterior sobre a influência da família na escolha profissional dos jovens explicita que muitos pais veem em seus filhos a possibilidade de projetar a realização frustrada da própria realização profissional. Se não consegui passar no vestibular para medicina, agora talvez seja a oportunidade de ver em meus filhos esta realização. Infelizmente, tal atitude representa um óbice à realização humana, haja vista que os filhos não são uma continuidade dos pais, mas são seres singulares que precisam ser apoiados, em um clima de liberdade, a fim de que construam identidades equilibradas e não apenas obedeçam ao pais ou vivam à mercê de suas expectativas.

Avaliando a situação econômica na qual estão inseridos os adolescentes e jovens da sociedade brasileira, há uma tendência em afirmar que quanto mais pobres menores serão as chances de eles realizarem escolhas profissionais

¹¹² SANTOS, Larissa M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005. p. 57.

realmente maduras. Isso se dá em função do contexto e das condições econômicas, haja vista que dificilmente uma pessoa que estudou em escola pública poderá, por exemplo, conseguir cursar medicina, odontologia e direito. E, mesmo que consiga ser aprovado em um processo seletivo, terá dificuldades para manter-se nestes cursos. Neste sentido,

[...] a escolha profissional interfere com o estilo de vida do jovem que escolhe e permeia tanto sua possibilidade de satisfação laboral como a de satisfação pessoal (Barreto, 2000), fazendo parte de sua relação concreta com a sociedade na qual está inserido e, nesta concepção, é parte da trajetória vital. Essa trajetória vital é compreendida, por nós, como drama do viver de adolescentes contemporâneos.¹¹³

Infelizmente, por questões de pouca instrução entre as famílias de baixa renda e de nível de escolaridade inferior, nem sempre os pais estão em condições de auxiliar os filhos adolescentes na definição de sua escolha profissional, restando muitas vezes à escola a tarefa de criar um programa eficaz de motivação e escolha profissional que venha a ser oportunamente suporte para uma escolha madura e responsável da própria profissão. Todavia, não são poucas as escolas que restringem esta missão ao simples fato de organizar espaçadas palestras sobre profissões, geralmente no último ano do Ensino Médio. Isso representaria um fracasso neste intento, dada a insuficiência dos conteúdos e a ausência de um planejamento que envolva etapas, métodos, conteúdos e atividades capazes de respeitar o ritmo e as fases da história de vida dos adolescentes.

De acordo com uma pesquisa realizada na cidade de Canoas-RS, no ano de 2008, a busca da profissão é mobilizadora do sentido da vida, conforme pensamento registrado na análise de dados da referida pesquisa. O certo é que mesmo sem conseguir uma profissão que venha a conferir o preenchimento de significado para a existência, o que importa ao menos, aos adolescentes, é encontrar uma ocupação para fugir da ociosidade:

Na questão referente ao sentido da vida, a importância de ter um **trabalho/profissão** foi citada em 8 respostas, e destas, aparece com maior incidência entre os do sexo masculino (5 respostas). Esta preocupação aparece com maior ênfase nesta fase, por muitas vezes estar relacionada ao período de escolhas que adolescentes vivenciam intensamente também na área profissional: “[...] *quero trabalhar para ser alguém na vida*”, “*quero*

¹¹³ BARRETO, Maria A.; VAISBERG, Tânia A. Escolha profissional e dramática do adolescente. *Psicologia & Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007. p.109.

*ser jogador de futebol, mas se não der certo vou ser caminhoneiro que já está garantido”.*¹¹⁴

Querer ser alguém na vida parece estar vinculado ao reconhecimento social de que as pessoas necessitam para sobreviver, conferindo sentido à própria existência. Todavia, o que parece vir em primeiro lugar não é o que os outros esperam dos adolescentes, mas o que realmente preencherá suas vidas de significado. Por isso, em uma hierarquia de desejo, primeiro viria a realização profissional e só por último os incentivos de ordem externa como *status* ou remuneração. Todavia, dadas as dificuldades de oportunidades para a classe pobre juvenil, faz-se mister elucidar que,

[...] hoje em dia, sem dúvida alguma, há milhões de seres humanos tentados a perder a própria razão e esperança de viver, por estarem privados das condições materiais mínimas de existência, pela fome, pela indigência imposta pelas condições injustas da vida social, pela falta de trabalho, de recursos indispensáveis à educação, à assistência médica e social, etc.¹¹⁵

Em um contexto de pobreza, em que se insere a grande maioria da juventude e dos adolescentes brasileiros, não é verdade que as misérias e condições indignas de sobrevivência lhes excluam as possibilidades de escolhas pessoais e profissionais. Embora, talvez em desvantagens em relação aos de classe média e alta, nem sempre os adolescentes e jovens vão se entregar à ociosidade ou à marginalidade. A despeito das dificuldades e escassez de oportunidades, muitos jovens e adolescentes irão lutar corajosamente até conquistar seus ideais.

¹¹⁴ STRECK, Gisela I. W; ALVES, Sílvia C. H. *Adolescentes e sentido da vida: interações com um contexto escolar*. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/newsletter/9bac05a36ce11ecb0ee1eb7f22a3eee3.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2011. p.4.

¹¹⁵ LIBARDI, Tadeu A. Dimensão da maturidade à luz da logoterapia. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 38, n. 159, p. 122-137, jan./abr. 2008. p. 135.

CONCLUSÃO

Chegar à peroração desta pesquisa sobre as buscas adolescentes a partir do enfoque logoterapêutico não significa estar acomodado aos resultados que a investigação bibliográfica apontou. Antes, é ter a consciência de que muito ainda temos que pesquisar, para melhor servir, no âmbito do aconselhamento pastoral, os jovens e adolescentes. Contudo, passamos a sistematizar alguns achados no campo da reflexão que poderão fundamentar outras pesquisas, quiçá mais audaciosas e profícuas que a atual.

Inicialmente, uma palavra a respeito do próprio título do trabalho. Ao nos referirmos às buscas adolescentes, quisemos indicar que a adolescência é o período da vida em que se acentua a autonomia e a responsabilidade de construir o próprio caminho, haja vista que dificilmente os pais e adultos poderão tutelar e direcionar a trajetória dos que na infância foram seus súditos, fazendo com que eles lhes obedeçam no que diz respeito aos valores e procedimentos. As diversas buscas adolescentes aqui elencadas, quais sejam, identidade, afetividade e profissionalização, correspondem a modalidades distintas, todavia complementares, com vistas à resposta fundante à pergunta que a vida nos faz: qual o sentido da existência?

A pesquisa propunha, em seu desenho teórico, como objetivo geral aproveitar os conceitos logoterapêuticos com vistas a auxiliar o processo de aconselhamento pastoral de adolescentes. Como analisamos ao longo dos capítulos, o sentido da vida poderá ser alcançado através da dedicação a pessoas, a uma tarefa e no próprio sofrimento que a vida nos brinda. Isso significa que as igrejas, os líderes religiosos e conselheiros puderam encontrar neste trabalho reflexões que poderão ajudar os adolescentes a progredir na construção de personalidades maduras, valorizando os acontecimentos e pessoas com as quais convivem.

À proporção que refletimos sobre a busca da identidade adolescente, pudemos constatar que tal tarefa não se poderia delegar a outra pessoa senão ao próprio adolescente, em função de o ser humano caminhar evolutivamente para a autonomia, caracterizada na Logoterapia pela capacidade responsável de significar

de forma livre a própria existência, haja vista que no contexto em que viveu Viktor Frankl, muitos adolescentes e jovens, quando não encontravam o sentido para a vida, caíam nas armadilhas da depressão, das neuroses e do próprio suicídio. Viktor Frankl demonstrou com autoridade a eficácia de sua teoria e psicoterapia, sendo que em 1931 os casos de suicídio, em Viena, foram totalmente erradicados. O fato confirma que o empenho do governo, de profissionais da área da saúde, das famílias e dos religiosos, através de trabalhos interdisciplinares e com sistematização cooperativa, poderá ser um suporte para amenizar problemas sempre recorrentes que afetam a população juvenil no campo emocional em todos os tempos e lugares.

O sentido da vida perseguido através da construção da própria afetividade apontou para a inferência de que ser o ser humano só se completa nos outros. O próprio Viktor Frankl já havia afirmado que a felicidade é uma consequência, um efeito colateral de uma prática de dedicação ao próximo. Se os adolescentes e jovens necessitam dar e receber afetos é porque não são completos em si mesmos e, por esta razão, estão abertos às pessoas. Assim é que, desde a infância, a família assume esta importância ímpar e intransferível de estreitar os laços afetivos de modo que os que receberam adequadamente carinho e proteção não se entreguem ao vazio existencial ou às neuroses noéticas, impossibilitadas de amar, por não terem recebido amor de seus progenitores. É neste sentido que compreendemos o valor da afetividade no interior da família como suporte para uma sexualidade e afetividade equilibradas na vida dos jovens e adultos. Em uma sociedade neoliberal, em que a ditadura do hedonismo e da genitalidade são porta-vozes de uma depauperação das relações humanas, aprendemos da abordagem logoterapêutica que é possível continuar acreditando nos jovens e adolescentes, a fim de que construam relações pautadas no amor verdadeiro, no respeito e em projetos de vida, nos quais a dignidade humana possa ser uma tônica com vistas à consecução do sentido da vida, que passa pela vivência amorosa e sadia da sexualidade.

Uma constatação a que chegamos nesta pesquisa foi a postulada por Viktor Frankl a respeito da espiritualidade ou autotranscendência humana. Se Freud estudou em profundidade o inconsciente de natureza libidinosa, reconhecendo que a moral vitoriana reprimira a sexualidade, também manifestou desinteresse pela dimensão religiosa da pessoa, até mesmo vendo na religião a neurose obsessiva e

universal da humanidade. Por sua vez, o fundador da Logoterapia indica que, no humano, existe um inconsciente noético, uma espiritualidade inconsciente e reprimida também pela sociedade, cabendo às famílias e instituições religiosas explorar esta área de forma que os jovens e adolescentes se completem na busca de sentido.

O capítulo que discorreu sobre a busca da escolha profissional no período da adolescência deixou-nos a contribuição no que concerne à compreensão de que o trabalho e os temas a ele relacionados, tais como, a forma de configurar sentido ao trabalho, o excesso de atividades, a profissão escolhida de forma equivocada deveriam passar por um processo de orientação vocacional e profissional para que as escolhas realizadas por jovens e adultos sirvam de referência para a vida pessoal e social, já que tais escolhas trazem consequências positivas ou perniciosas para a própria pessoa e para a vida social.

Por fim, retornamos à pergunta científica que serviu de motor para esta investigação: Como a Logoterapia, enquanto modelo de aconselhamento centrado no sentido, poderá auxiliar os adolescentes e as adolescentes na construção de sua identidade na relação consigo mesmos, com ou outros e com a escolha profissional? Sinteticamente, concluímos que a Logoterapia auxilia os adolescentes e jovens na compreensão de que, enquanto seres humanos, precisamos nos dar contas de que somos uma unidade entre corpo, mente e espírito; e essas dimensões precisam estar integradas, a fim de que possamos estar abertos para a consciência de nós mesmos e em condições de nos relacionarmos com as pessoas, com Deus e com o mundo do trabalho, enquanto busca de valores criativos que justifiquem a escolha profissional e execução de atividades com objetivos determinados e finalidades altruístas para a melhoria das pessoas e da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda et al. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AGUIAR, Reginaldo C. *Psicólogo analisa a orientação vocacional*. Disponível em: <<http://www.agitoribeirao.com.br/materias/psicologo-analisa-a-orientacao-vocacional/3>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

ALBRECHT, Astor. *Depressão: do que se trata? Uma proposta para uma atuação pastoral a partir da logoterapia*. Monografia. São Leopoldo, 1999.

ANJOS, Ricardo B.; BALTAZAR, José A. As alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa. *Terra e cultura*, Londrina, ano XX, n. 39, 2004.

BARRETO, Maria A.; VAISBERG, Tânia A. Escolha profissional e dramática do adolescente. *Psicologia & Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007.

BENTO XVI. *Mensagem do Papa aos jovens no Estádio do Pacaembu*. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/noticia.php?id=230492>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

BÖCKMANN, Walter. Sentido na economia e na sociedade. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990.

BOSCHEMEYER, U. Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho na logoterapia. In: V.V.A.A. *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes, 1990.

BRANDÃO, Sílvia R. *Afetividade e sexualidade para o adolescente*. Disponível em: <<http://www.pnsesperanca.com.br>>. Acesso em: 19 dez. 2010.

BRESSER, Paul H. Responsabilidade e responsabilização-sentido da culpa. In: V.V.A.A. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990.

BRETONES, Francisco. *A logoterapia é óbvia: experiências logoterapêuticas com o homem comum*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CAVALCANTI, R. C. Adolescência. In: VITIELLO, N. et al. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988.

COSTA, A. C. G. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CUSTEM, Chantal. *A família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

DITTRICH, Larissa F. *A dimensão noética em Viktor Frankl*. Monografia (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

DITTRICH, Maria G. *Tecendo fundamentos para um entendimento de ser humano espiritual*. Monografia. São Leopoldo, 2005.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FABRY, Joseph B. *A busca do significado: Logoterapia e vida*. 4. ed. São Paulo: ECE, 1984.

FRANDOLOSO, Francielle. *Dependência química: uma abordagem logoterapêutica*, Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *El hombre doliente: fundamentos antropológicos da Logoterapia*. Barcelona: Herder, 1987.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo concentração*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 15. ed. Aparecida: Idéias e Letras, 2005.

FROMM, Erich. *Del tener al ser*. Barcelona: Paidós, 2007.

GOMES, José C. V. *A prática da psicoterapia existencial*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Logoterapia a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992.

GRAF, Laila P.; DIOGO, Maria F. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. *Rev. Bras. Orientac. Prof.*, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2009.

GRASSO, Emílio. *La vida es la realización de um sueño de juventud*. 2. ed. Asunción: Ediciones y Artes, 2008.

LANGLE, Alfried. *Viver com sentido: análise existencial aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEHMAN, Yvette P.; UVALDO, Maria C. C.; SILVA, Fabiano F. O jovem e o mundo do trabalho: consultas terapêuticas e orientação profissional. *Imaginário*, São

Paulo, v. 12, n. 12, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2011.

LIBARDI, Tadeu A. Dimensão da maturidade à luz da logoterapia. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 38, n. 159, p. 122-137, jan./abr. 2008.

LUKAS, Elisabeth S.; EBERLE, Michael M. *Tudo tem seu sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus, 2005.

_____. *Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1992.

_____. *Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELO, S. M. M. *Corpos no espelho*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. São Paulo: Artmed, 1999.

NEXO, Grupo. *Yá lo sé todo, es solo sexo*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2004.

NOVELLO, Fernanda. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Paulinas, 2004.

OELHO JÚNIOR, Achilles G.; MANFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.

PALMONARI, Augusto. *Os adolescentes*. São Paulo: Loyola, 2004.

PEREIRA, Ivo S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2008.

PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

QUINTÁS, Alfonso L. *El secreto de una vida lograda*. Madrid: Palabra, 2003.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RENA, Luiz C. C. B. *Sexualidade e adolescência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ROEHE, Marcelo V. Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *PSICO*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, set./dez. 2005.

SANTOS, Larissa M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.

SILVA, Joílson P.; DAMÁSIO, Bruno F.; MELO, Suéllen A. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2009.

SILVEIRA, Daniel Rocha; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out./dez. 2008.

STRECK, Gisela I. W; ALVES, Sílvia C. H. *Adolescentes e sentido da vida: interações com um contexto escolar*. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/newsletter/9bac05a36ce11ecb0ee1eb7f22a3eee3.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2011.

STRECK, Valburga S. Aconselhamento pastoral on-line com adolescentes. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 2, 2007.

_____. Famílias em transição: desafios para a sociedade e a Igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

XAUSA, Isar A. M. Psicologia, logoterapia e religião. *Cultura e fé*, Porto Alegre, v. 32, 1986b.

_____. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986a.

ZAVAREZE, Taís E. *O papel da orientação profissional na escolha profissional dos adolescentes*. Disponível em: <www.psicologia.com.pt> Acesso em: 14 jan. 2011.